

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

TAÍS BORIN VIEIRA

**GÊNERO E RELIGIÃO: PAGANISMO E O CULTO
À DEUSA NA CONTEMPORANEIDADE**

Prof^a Dr^a Marlene Neves Strey
Orientadora

Porto Alegre
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**GÊNERO E RELIGIÃO: PAGANISMO E O CULTO
À DEUSA NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

TAÍS BORIN VIEIRA

Prof^a Dr^a Marlene Neves Strey
Orientadora

Porto Alegre, Janeiro de 2011

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)**

V658g Vieira, Taís Borin
Gênero e religião: paganismo e o culto à Deusa na contemporaneidade / Taís Borin Vieira. – Porto Alegre, 2011.
79 f.
Diss. (Mestrado) – Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, PUCRS.

Orientador: Prof^a Dr^a Marlene Neves Strey.

1. Mulheres e Religião. 2. Deusas. 3. Religião. 4. Espiritualidade. 5. Relações de Gênero. I. Strey, Marlene Neves. II. Título.

CDD 291.211

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto

CRB 10/1204

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

TAÍS BORIN VIEIRA

**GÊNERO E RELIGIÃO: PAGANISMO E O CULTO
À DEUSA NA CONTEMPORANEIDADE**

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Marlene Neves Strey (PUCRS) – Orientadora

Dra. Eddla Eggert (UNISINOS)

Dra. Margaret Machiori Bakos (PUCRS)

“A Deusa continuamente nos propõe desafios, Ela está dentro de nós, assim como ao nosso redor, encontramos força para enfrentá-los, transformando o medo em poder interior. Ela não se encontra adormecida e sim, presente e renascendo, estendendo as suas mãos para tocar-nos novamente. Quando A buscamos, revela-se a nós, nas pedras e no solo sob os nossos pés, nas cachoeiras espumantes e nas lagoas cristalinas da imaginação, nas lágrimas e no riso, no êxtase e na tristeza, na coragem e na batalha comum, no vento e no fogo. Uma vez que nos permitimos mirar em seus olhos abertos, não mais podemos perdê-la de vista. Ela nos fita no espelho e seus passos ecoam cada vez que colocamos os pés no chão. Tente fugir e Ela lhe trará de volta – Ela está em toda parte”.

“Portanto, não é por acaso que este é o momento na história em que Ela ressurge e estende as mãos. Por maiores que sejam os poderes de destruição, maiores, ainda, são os poderes curativos.”

(Starhawk, 2003)

AGRADECIMENTOS

À Deusa e ao Deus que sempre me guiaram por este caminho iluminado, me ajudando a ultrapassar os obstáculos e alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, Marilda e Evanoi, sem eles nada disso seria possível. Obrigada pelo amor e confiança dedicados a mim. Aos demais familiares que de alguma forma me ajudaram no decorrer desta pesquisa: Carla, Isabel e Karina. Em especial ao meu noivo Alessandro, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e acreditando em mim, especialmente durante estes dois anos de idas e vindas entre Porto Alegre e Santa Maria.

Aos (às) professores (as) e mestres do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por todos os ensinamentos e reflexões que me proporcionaram.

À Prof^ª Dr^ª Marlene Neves Strey, minha orientadora, pelas lições de vida, pelo apoio e pelo conhecimento compartilhado.

Aos (às) colegas de mestrado que realizaram esta trajetória comigo. Aos (às) colegas do Grupo de Pesquisa Relações de Gênero, por todas as discussões e debates, bem como pelos momentos de descontração que tivemos.

Aos (às) participantes da pesquisa que se disponibilizaram em conceber seu tempo para realizar a entrevista, sem eles (as) este estudo não teria sido possível.

E a todos (as) aqueles (as) que de alguma forma contribuíram para minha caminhada até aqui...

Bigo, Pitty e Molly, vocês sempre serão importantes.

Muito obrigada!!!

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract	9
Introdução	10
Artigos	14
Artigo teórico: O culto à Deusa: das sociedades primitivas à sociedade moderna	14
Artigo Empírico: Culto à Deusa no mundo contemporâneo: conhecendo os seguidores do Paganismo	43
Considerações Finais	74
Anexos	77
Anexo A: Carta de Aprovação do Comitê de Ética	78
Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	79

RESUMO

A presente dissertação é composta por dois artigos, um teórico e um empírico, tendo como tema central a religião da Deusa e o Paganismo, bem como questões referentes a espiritualidade feminista e questões de gênero. O primeiro artigo, teórico, problematiza a construção histórica do feminismo, trazendo relatos de achados arqueológicos que remetem a uma Deusa-Mãe, e também questões sobre Matriarcado e Patriarcado, e Matrifocalidade. Além disso, nesse artigo também são tratados temas como “Religião da Deusa” e teologia. Foram realizadas reflexões acerca da importância do conhecimento dessa “nova” forma de perceber o feminino na religião/espiritualidade, que é cada vez mais difundida na sociedade atual. O segundo artigo, empírico, buscou conhecer melhor os motivos que levam as pessoas a “buscarem” esta religião/espiritualidade, além de conhecer a importância dessa religião em sua vida e como se percebem como sujeitos pagãos na sociedade contemporânea, bem como mostrar o que ocorre durante os encontros do grupo.

Palavras-chave: Deusa, Paganismo, religião, gênero, espiritualidade.

ABSTRACT

This thesis is composed of two articles, one theoretical and one empirical, having as its central theme the Goddess religion and paganism, as well as issues concerning feminist spirituality and gender issues. The first article, theoretical, discusses the historical development of feminism, bringing reports of archaeological findings that refer to a Mother Goddess, and also bringing questions about Matriarchy and Patriarchy, and Matrifocality. Moreover, in this article are also treated topics such as "Religion of the Goddess" and thealogy. Reflections were made about the importance of knowing this "new" way of perceiving the feminine in religion/spirituality, which is increasingly pervasive in society today. The second article, empirical, sought to better understand the reasons that lead people to "seek" this religion/spirituality, and also know about the importance of religion in their lives and how they perceive themselves as pagans in contemporary society, as well as show what occurs during the group meetings.

Palavras-chave: Goddess, paganism, religion, gender, spirituality.

INTRODUÇÃO

“Religião e magia, se é que são indistinguíveis, coexistem desde sempre” (Darcy Ribeiro)

O caminho percorrido para a execução desta pesquisa começa quando, durante a graduação, foi sentida a falta de discussões e pesquisas sobre assuntos ligados às questões de gênero, que sempre chamaram atenção. Foi buscada, então, a opção de pesquisar sobre esse assunto no Mestrado. Após o contato inicial com a futura orientadora Professora Marlene Strey, que se mostrou aberta a diferentes possibilidades de pesquisa nesta área, o Paganismo e a questão de uma espiritualidade voltada para o feminino (da Deusa) se sobressaíram aos outros temas que tínhamos em mente. Esse tema é sempre pertinente, pois sempre foram indagadas as religiões onde a força maior está em um Deus-pai criador de tudo e de todos. Após a busca por artigos e livros sobre o tema, foi percebida uma necessidade de investigação nessa área, pois é um assunto relativamente novo de pesquisa no Brasil, o que pode ser comprovado pelo fato de que foram encontradas apenas três outras pesquisas com um tema relacionado, porém essas remetem somente a uma faceta do Paganismo, a Wicca, e são pesquisas da área da Antropologia e Teologia.

O objetivo geral da pesquisa é compreender as razões que levam uma pessoa submersa em uma sociedade ainda patriarcal, a buscar sua espiritualidade em uma “religião da Deusa”, bem como apresentar essa forma de espiritualidade pouco conhecida e ainda pouco pesquisada aqui no Brasil, com a finalidade de tentar desnaturalizar os preconceitos presentes na sociedade para com essa religião. De modo geral, esta pesquisa se propõe a demonstrar e explicar essa religião, dando voz aos seus (suas) praticantes, para que a sociedade os (as) perceba de forma diferente. Ainda atualmente, a maioria dos (as) praticantes do Paganismo, são chamados (as) de bruxos (as), o que acaba remetendo a algo que deve ser temido. Werba

(1999) relata que nos dias de hoje essa imagem da “bruxa má” continua sendo mantida através de filmes com enredos que mostram a existência de feiticeiras modernas maquiavélicas, que sempre são representadas com eroticidade e maldade, dessa forma, rerepresentando a antiga associação entre mulher, luxúria e pecado.

O trabalho foi iniciado a partir da leitura da bibliografia inicialmente encontrada, que era diretamente relacionada a Paganismo, Religião da Deusa e teologia feminista ou teologia, como algumas autoras preferem chamar, e composta somente de artigos estrangeiros. Também foram pesquisados textos sobre gênero, história do feminismo, patriarcado e religião.

Como relatado por Bulsing (2010), que pesquisou uma faceta do Paganismo, a Wicca, essa reverência preponderante à Deusa pode ser notada *a priori*, pois no senso-comum e em diversas bibliografias é possível ver a Wicca sendo nomeada de “Religião da Deusa”. Porém, após a pesquisa, foi possível perceber que isso não significa que o Deus sucumbe ao poder da Deusa, isto traz na realidade, uma nova forma de representação, de redistribuição de valor, que não pretende igualar ou inverter a posição entre o masculino e o feminino, e sim, reorganizar essa relação de uma forma à qual não estamos acostumados em nossa sociedade ocidental tradicional, e ainda patriarcal.

Assim, nesta Dissertação é apresentada uma introdução à história do feminismo, bem como achados arqueológicos que seriam comprobatórios de uma religião da Deusa em sociedades pré-patriarcais. Também é apresentado o Paganismo e um pouco da história da Bruxaria, que é uma de suas vertentes mais conhecidas.

Como a pesquisa realizada por Andréia Osório (2001), também buscamos compreender como é a relação das pessoas que foram entrevistadas com a questão de gênero, presente no Paganismo/Wicca, por ser uma religião na qual para alguns (as) participantes, a

Deusa tem importância maior que o Deus, enquanto outros percebem os deuses de forma igualitária, e alguns ainda percebem a Deusa como divindade única.

A busca pelos participantes ocorreu com a ida a um encontro que ocorre mensalmente no Parque Farroupilha em Porto Alegre, que é amplamente divulgado pela internet. A coleta de dados foi feita por meio das anotações do diário de campo e de entrevistas semi-estruturadas, onde os participantes responderam questões como: de que forma encontraram esta religião, se a percebem como religião ou espiritualidade, se sofreram alguma forma de preconceito, se fazem algo para torná-la mais visível, entre outras.

A partir da análise de discurso (Orlandi, 2007) foi possível perceber a presença frequente da afirmação de que encontraram o Paganismo através de pesquisas sobre outros assuntos relacionados, como cultura celta, magia, esoterismo¹ e mitologia. Em comum quase todos (as) os (as) entrevistados (as), com exceção de uma, iniciaram os estudos sozinhos (as), indo atrás de livros que falavam sobre o assunto e iniciando a sua prática religiosa solitariamente e depois acabando por se reunir a outros praticantes.

Como foi percebido também na pesquisa realizada por Araújo (2007), não somente entre os praticantes de Paganismo, mas na bibliografia sobre o assunto, existe uma confusão de significados de termos, cada praticante percebe sua religião/espiritualidade de uma forma, mantendo crenças centrais comuns ao Paganismo. Da mesma forma que alguns praticantes percebem o Paganismo como religião, enquanto outros o percebem como espiritualidade, há os que o percebem como uma cultura.

Para concretizar esta Dissertação, foram realizados dois artigos, um teórico e um empírico. O artigo teórico, apresentado na forma de ensaio temático, tem como objetivo apresentar o que seria a base histórica do Paganismo, através de estudos arqueológicos, a

¹ Tiryakian (apud Eliade 1979, p. 53) traz esoterismo como sendo “um sistemas de crenças religioso-filosóficas que estão subjacentes em técnicas e práticas ocultas, ou seja, o termo se refere aos mais abrangentes levantamentos da natureza ou do cosmos, às reflexões epistemológicas e ontológicas da realidade última, levantamentos que constituem a soma de conhecimentos necessários às práticas ocultas”.

questão do feminismo e o quanto ele foi importante para uma abertura da sociedade para novas formas de pensar, facilitando a “volta da Deusa” à sociedade contemporânea. No artigo empírico o objetivo foi conhecer e mostrar como os praticantes do Paganismo chegaram a essa religião e como a vivenciam, bem como apresentar o que foi percebido através das observações dos encontros do grupo. Com este estudo esperamos abrir as portas para pesquisas futuras que poderão acrescentar e desenvolver mais essas questões na psicologia social e nos estudos de gênero.

REFERÊNCIAS

- Araújo, Susana de A (2007). Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre. *Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRGS.
- Bulsing, Muriel (2010). *A bruxaria moderna: conhecendo a Wicca e suas representações e relações de gênero*. Trabalho de conclusão de curso, Curso de Ciências Sociais. Santa Maria: UFSM.
- Eliade, Mircea (1979). *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Orlandi, Eni P. (2007). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7ª ed. Campinas, SP: Fontes.
- Osório, Andréa B. (2001). *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina*. *Tese de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ/PPGSA.
- Werba, Graziela C. (1999). *Parteiras, bruxas mulheres...articulações entre a saúde, o poder e o feminino na história*. In Strey, Marlene N.; Roso, Adriane; Mattos, Flora B; Werba, Graziela C. *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

O CULTO À DEUSA: DAS SOCIEDADES PRIMITIVAS À SOCIEDADE MODERNA

Taís Borin Vieira

Marlene Neves Strey

Resumo

O presente texto aborda o feminismo e suas contribuições para a restituição do Paganismo como uma religião moderna. No artigo são apresentadas diferentes facetas, que são trazidas pelos (as) autores (as), como fatores desencadeantes do Paganismo na época atual. O principal deles ocorrendo durante a segunda fase do movimento feminista com a busca de igualdade pelas mulheres, onde escritoras de diferentes religiões relataram a importância da mulher dentro da religião e iniciaram o Movimento de Espiritualidade Feminista. Que posteriormente se utilizou de indícios arqueológicos para comprovar a existência de uma sociedade pré-patriarcal onde os povos adoravam uma Deusa-Mãe. Também foi descrito um pouco sobre a história da bruxaria e sua relação com o movimento da Deusa.

Palavras-chave: Deusa, Paganismo, religião, feminismo, bruxaria.

THE GODDESS WORSHIP: FROM PRIMITIVE SOCIETIES TO MODERN SOCIETY

Abstract

This text talks about feminism and its contributions to the restoration of Paganism as a modern religion. The article presents different facets, which are brought by the authors as causal factors of Paganism in the current time. The main one occurring during the second phase of the feminist movement, with the pursuit of equality for women, where writers of different religions have reported the importance of women within the religion and started the Feminist Spirituality Movement. Which subsequently used archaeological evidence to prove the existence of a pre-patriarchal society where people worshiped a Mother Goddess. It was also described a little about the history of witchcraft and its relationship with the Goddess movement.

Key-words: Goddess, paganism, religion, feminism, witchcraft.

INTRODUÇÃO

É possível perceber, historicamente, a luta milenar das mulheres contra a discriminação de base sexual, sempre apresentando algum tipo de resistência a esse estado de coisas (Silva, 2009). Nessas lutas, a partir do final do século XIX, sobressaem-se os movimentos feministas, que tiveram grande impacto em todas as áreas de relações, atuação e posicionamentos das mulheres, principalmente no que diz respeito às questões religiosas (Rosado, 2001).

A resistência das mulheres frente à dominação masculina não nasce com os movimentos feministas, ela é milenar. Porém, é possível constatar que os documentos oficiais da história raramente registram essa resistência das mulheres em relação à discriminação que sofriam. Quem tem sua história relatada são os dominadores, não os dominados. São eles que, ao estarem no poder, reconstróem o relato histórico tendo como base o que lhes é relevante (Jurkewicz, 1995).

Os movimentos feministas começaram de forma relativamente unificada em seus primórdios, principalmente no mundo de cultura anglo-saxônica, buscando libertar as mulheres de suas amarras e cativeiros, que as impediam de participar da sociedade como cidadãs por inteiro. Existiram duas grandes fases dos movimentos feministas, a primeira se estende até meados do século XX, onde a busca pela emancipação da mulher nas suas várias dimensões existenciais é o marco principal. Já na segunda fase do movimento, que começa a partir dos anos 60/70, em diversos países, ocorre a chamada *libertação da mulher*, que orienta a luta das mulheres por igualdade sexual, bem como uma reivindicação de transformação além das fronteiras de gênero. Existia uma busca pelos direitos iguais aos que eram mantidos na esfera masculina (Freitas, 2003; Teles, 2003).

Com o passar do tempo, passando pelo século XX e adentrando o século XXI, foram abandonadas pretensões universalistas, na medida em que movimento algum, de maneira unitária, poderia representar e falar em nome da enorme diversidade que significa a vida das mulheres, seus desejos, necessidades e objetivos. No entanto, ressalvados seus matizes, contrastes e contradições, os movimentos feministas costumam questionar as relações de poder, a opressão e a exploração de um grupo de pessoas sobre outras, a dominação dos homens sobre a população feminina. Essa dominação costuma ocorrer em diferentes esferas da sociedade (ideológica, política, religiosa, filosófica, etc.). Os movimentos feministas se contrapõem ao patriarcado, que ainda serve de base para a sociedade atual de maneira sutil ou não, por vezes disfarçado com outras nomenclaturas como “igualdade” e “liberdade de disputa e concorrência”. As atuações feministas vem levando a sociedade a repensar a construção social que divide o mundo entre homens e mulheres, ou fortes e dominadores e frágeis e dóceis, propondo uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (Freitas, 2003; Strey, 1998; Teles, 1993, 2003).

A história dos movimentos feministas, tão bem retratada por inúmeras pesquisadoras (Adelman, 2003; Aguiar, 1997; Amorós, 2000; Chrisler e Smith, 2004; Costa e Schmidt, 2004; Doane e Hodges, 1987; El-Bushra, 2008; Machado, 1992; Millet, 1970; Molyneuw, 2003; Negrão, 202; Prá, 1997; Roig, 1986; Saffioti, 1988; Schmidt, 2004; Steinem, 1997; Toscano e Goldenberg, 1992, Wilkinson, 1986) e que aqui não é necessário recapitular, teve também um impacto profundo naquilo que se convencionou chamar de “Her-Story”, ou “História das Mulheres” (Yll 2002), com a contribuição de teorias de muitas estudiosas feministas para explicar a subordinação das mulheres e a desigualdade entre os sexos. Começam aí as primeiras críticas ao androcentrismo arqueológico, que interpretava a história da humanidade a partir de um viés masculino.

Atualmente vivemos uma terceira fase, onde existe uma diversidade de embasamentos teóricos e políticos acerca do feminismo, dos quais podemos referir a busca, não de uma igualdade entre homens e mulheres, mas um conceito de libertação que vai além da “igualdade” para afirmar diferenças, visando a libertação das mulheres e dos homens (Teles, 2003). Essa fase que vivemos agora possibilita não somente às mulheres, mas também aos homens realizarem novas experiências e se conhecerem melhor não só psicologicamente como espiritualmente, assim abrindo espaço para a expansão de religiões não patriarcais.

O Movimento de Espiritualidade Feminista

Segundo Davis (1998), a busca por um significado na vida aumentou com a chegada do século XX, as Igrejas continuam a perder fiéis e novos movimentos religiosos estão desabrochando, e até forçando denominações tradicionais a se adaptarem, modificando sua busca espiritual, bem como sua agenda política. Os seres humanos continuam sua busca por respostas das grandes perguntas da humanidade. Por que estamos aqui? Qual é a nossa importância real como indivíduos? Como comunidade? Da vida como um todo? Essas são questões essencialmente religiosas que atualmente têm motivado um número maior de pessoas a seguirem o movimento da Deusa para conseguir as respostas.

A Wicca, que também é conhecida como bruxaria moderna, é a mais formal das “religiões da Deusa”, datando dos anos 50. Existem diferentes segmentos dentro da Wicca, que seguem como base os mesmos preceitos, mas quanto à devoção são diferentes. Enquanto alguns são devotos do Deus e da Deusa, a maioria dos wiccanos dá prioridade para a Deusa-Mãe (Bulsing, 2010; Davis, 1998).

Com seu foco em uma divindade feminina, a Wicca chamou a atenção das feministas da segunda fase do feminismo, durante os anos 60. Com o “boom” do movimento de

espiritualidade feminista nos anos 70, diversas autoras feministas de diferentes religiões contribuíram para que viesse a público esta nova forma de perceber a religião, entre elas as católicas Rosemary Radford Ruether, Mary Daly, Elizabeth Schüssler Fiorenza; as protestantes Sheila Collins, Eleanor McLaughlin; as judias Rita Gross, Judith Plaskow, Aviva Cantor; as wiccanas Starhawk, Zsuzsanna Budapest e outras escritoras, como Merlin Stone e Carol P. Christ. Muitas dessas autoras utilizam o termo “teologia”, criado para descrever o relacionamento da mulher com a Deusa, ao invés de um relacionamento do homem com um Deus. Nesses livros nos foi oferecida uma possibilidade de identificação religiosa com o feminino, o que não acontecia até aquele momento nas religiões convencionais (Davis, 1998).

Carol Christ (apud Souza Filho, 2009) traz que o símbolo da Deusa tem muito a oferecer às mulheres que lutam contra os preceitos das religiões patriarcais. Ela relata a importância da Deusa para a afirmação das mulheres, de suas vontades, seus desejos, seus pensamentos e suas qualidades, que sempre foram negadas e atacadas pelas religiões patriarcais.

Enquanto a maioria das novas religiões tende a consolidar novos padrões de crenças e estabelecer novas estruturas, com a espiritualidade feminista não foi assim, ela sempre foi eclética, pegando emprestadas divindades, técnicas de meditação e receitas mágicas de quaisquer culturas que lhes pareciam interessantes. As praticantes da espiritualidade feminista não somente adoram uma Deusa ou Deusas, como praticam rituais e magias, diretamente ligados ao empoderamento da mulher (Eller, 1991).

Zsuzsanna Budapest (apud Souza Filho, 2009) fala que os rituais feministas criados e realizados são uma forma de exorcizar o lado patriarcal que está presente nas mulheres, de limpar e purificar a mente, enchendo-a de imagens positivas das mulheres. O símbolo da Deusa serve para representar o divino que existe dentro das mulheres e tudo o que é feminino no universo.

Re-imaginar a imagem masculina de Deus como feminina é questionar a hegemonia do poder masculino de dominação, que é exercido não somente sobre as mulheres, mas sobre homens, e outras formas de vida. Criar alternativas para a imagem masculina de poder e dominação é uma questão política e profundamente relevante, não somente para as mulheres, como para os homens e todas as formas de vida. A imagem de Deus, como um ser masculino dominante, serve para manter a dominância masculina que aparenta ser a forma mais natural de poder. Dessa forma é compreensível que as imagens de Deus como um ser feminino provoquem um choque inicial quando são apresentadas. “Questionar o Deus masculino é remover o véu que contribui para a mistificação do poder masculino de dominação” (Christ, 2007, p. 161).

Contribuições da arqueologia para o movimento feminista

A partir da segunda fase do feminismo, surgiu o movimento que trazia a idéia de que existiram sociedades pré-patriarcais, onde as mulheres detinham o poder, e esse movimento começou a se propagar rapidamente. Essa idéia, que ganhou o nome de “Goddess Movement”, foi rejeitada pela Academia durante muito tempo, mas conseguiu “alcançar” algum espaço devido aos movimentos de mulheres nos últimos trinta anos e aos achados arqueológicos antigos que ganharam força na segunda metade do século XX (Dashú, 2005; Davis, 1998; Husain, 2001).

Segundo Yll (2002, p. 64) durante muito tempo “o passado pertenceu a caçadores, guerreiros, chefes, reis, sacerdotes, mercadores, metalúrgicos, artesãos e comerciantes”. No entanto, devido ao fato de as teorias dominantes sobre a pré-história humana terem sido reescritas com regularidade durante os últimos séculos, hoje é possível concluir, a partir de indícios arqueológicos, que a mais antiga imagem humana do divino era feminina. A imagem

da Deusa, sem a companhia de uma figura masculina, pode ser encontrada desde a época paleolítica até a neolítica, se estendendo aos inícios da civilização antiga. Devido à inexistência de documentos dessa época, existe a possibilidade de fantasia e imaginação acerca desse tema (Husain, 2001; Ruether, 1993).

Durante os primórdios da civilização humana, na Idade da Pedra (40.000 e 3.500 a.C) teria existido a primeira religião da humanidade, que venerava a Grande Deusa, que sendo fêmea, simbolizava as forças da vida, o nascimento e a alimentação, o crescimento e a fertilidade, a morte e o renascimento. Como o papel do homem na concepção não era completamente compreendido, a organização social era centrada na mulher, dando a ela valor e status social altos (Davis, 1998).

Stone (1976) traz que os primeiros textos arqueológicos se referiam a essa religião feminina como “culto da fertilidade”, porém após as evidências arqueológicas e mitológicas de veneração das divindades femininas como criadoras do universo, profetas, provedoras do destino dos seres humanos, etc. é possível perceber o título de “culto da fertilidade” como uma explicação simplificada da complexa teologia da época. A autora também reforça o fato, de a palavra “culto” ser normalmente utilizada para exemplificar algo menos refinado e civilizado que uma “religião”, e que essa palavra era quase sempre utilizada para designar a adoração de divindades femininas, menosprezando esse tipo de espiritualidade.

As evidências que têm sido apresentadas recentemente pela Arqueologia e pela Antropologia Cultural, juntamente com as contribuições da Mitologia, comprovam descobertas mais antigas que haviam sido “esquecidas” ou simplesmente deixadas de lado. Elas são percebidas como provas da existência de povos matriarcais em períodos pré-históricos, onde a Deusa era cultuada, as mulheres eram percebidas como “doadoras de vida” e as sociedades eram igualitárias e pacíficas (Coleman, 2001; Husain, 2001).

Até o ano 2000, a era Paleolítica havia nos contemplado com aproximadamente mil imagens de mulheres, completas ou parciais, que incluem esculturas, relevos e gravuras. Dessas, as mais remotas haviam sido criadas aproximadamente 27.000 a 26.000 a.C., em uma área que abrange grande parte da Europa. As semelhanças de algumas figuras, do período Paleolítico com as do Neolítico, acabam por sugerir a hipótese da existência de uma religião contínua que passou de um período para outro (Husain, 2001).

Existem algumas pesquisadoras mais otimistas que relatam a existência de resquícios do culto ao Divino Feminino há mais de 500 mil anos. Apesar de ocorrer essa controvérsia, o período associado a culturas matrifocais é muitíssimo anterior ao início das religiões patrifocais que foram instituídas mais tarde. É importante ressaltar que mesmo na cultura matrifocal, havia a existência de divindades masculinas, como o filho da Deusa e como o seu consorte, o Deus-Caçador, que cuidava da caça e de parte do sustento da comunidade. Essas divindades masculinas podem aparecer como filho, irmão e/ou amante dependendo da região (Brigante, 2007; Stone 1976).

Marija Gimbutas e Jacketta Hawkes são duas das principais arqueólogas interessadas especificamente nas representações de mulheres na arte. Através de suas leituras sociais é possível perceber uma ênfase na centralidade das mulheres na religião e em diferentes manifestações culturais (Yll, 2002).

No período compreendido entre 30.000 e 10.000 a.C. (datas aproximadas) são documentados diferentes grupos arqueológicos espalhados pela Europa, todos com figuras de busto redondo, que apresentam mulheres jovens, grávidas ou anciãs, magras ou obesas, de pé ou sentadas. Essas figuras foram denominadas Vênus. Essas esculturas tendem a enfatizar a área do busto e da barriga. Assim, esses achados mudam a forma como o período Paleolítico era percebido, como uma época associada a grandes caçadores, e agora é possível observar o

sexo originário como feminino, já que todas as representações sexuais humanas encontradas dessa época eram de figuras femininas (Davis,1998; Yll, 2002).

Segundo Percovich (2004) a partir desses achados arqueológicos e antropológicos, é possível perceber uma cultura “ginocêntrica”, altamente civilizada, pacífica e ligada às estações do ano e aos ciclos lunares. Também podemos encontrar símbolos (como a grande Mãe, a Trindade, o filho que se torna Deus, morre e vai para outro mundo) que são características comuns a sociedades extremamente antigas. Depois da transformação das sociedades matrilineares pré-históricas para sociedades patriarcais, e com as religiões monoteístas, as características sobreviveram, porém, algumas vezes foram invertidas. É possível perceber que alguns (as) autores (as) possuem por vezes uma tendência a demonstrar e descrever estas sociedades com um alto grau de idealização, sendo que não existem provas concretas de todas descrições trazidas por eles (as).

Nessas sociedades foram encontradas evidências da existência de divindades masculinas e femininas, porém, o poder percebido como o mais elevado era o poder feminino, de dar e manter a vida, o poder encarnado no corpo da mulher. Essas sociedades parecem ter sido igualitárias, onde o feminino e as mulheres ocupavam posições sociais importantes (Eisler, 1997).

Segundo Yll (2002), a arqueóloga Marija Gimbutas tentou fixar as bases para que a Arqueologia pudesse estabelecer a existência de uma religião universal que teria sido fundada no culto da Deusa Mãe, cujas raízes deveriam ser buscadas no período Paleolítico. Essa cultura passou a ser inspiradora de todas as culturas da Europa entre os anos de 6.500 a.C e 3.000 a.C..

Husain, (2001) retrata que a Deusa pode possuir diferentes nomenclaturas, títulos, atributos e poderes, porém, todas elas convergem a uma única Deusa. Ela também se manifesta de diversas formas, sendo muitas delas diferentes dos estereótipos utilizados para

caracterizar o mundo feminino. Características como soberania, guerra e caça, pertencem a diferentes Deusas de diversas culturas. A autora traz ainda que “a sua característica essencial consiste em tudo abarcar – ela encerra todos os opostos em si mesma, incluindo o feminino e o masculino, a criação e a destruição – e reconhecer que a vida e a morte têm o mesmo peso, cujo equilíbrio mantém a ordem universal” (p. 6).

Não existem provas escritas de nenhuma dessas culturas da Deusa, que demonstrem no que os povos antigos realmente acreditavam ou como eles viviam sua vida, pois a maioria das civilizações, em que foram encontrados vestígios arqueológicos, existiram antes da invenção da escrita (a Europa Paleolítica, Çatal Hüyük na Turquia, a “Velha Europa” na Península Balcânica, a cultura megalítica de Malta, e a Britânia pré-celtica). As evidências existentes consistem basicamente de artefatos e resquícios arqueológicos encontrados na arte e na arquitetura (Davis, 1998).

Diferentes arqueólogos e escritores se recusam a aceitar os achados arqueológicos como prova da existência de uma sociedade que venerava uma Deusa. Eles relatam que o fato de os artefatos serem semelhantes à silhueta feminina, não prova que representem uma Deusa, e que as pinturas artísticas encontradas também podem não se referir a um simbolismo da Deusa (Davis, 1998).

A derrubada do Matriarcado

A teoria do mito do matriarcado ainda gera opiniões controversas. Ela teria sido iniciada por J.J. Bachofen (1815-1887), que escreveu diversas obras sobre o assunto, entre elas, a principal, *O Matriarcado* de 1861, que foi a primeira obra a relatar sobre o início da Humanidade e sobre como as mulheres que estavam infelizes com o seu papel na sociedade dominada pelos homens, resolvem reverter a situação e criam a *Ginecocracia*, uma sociedade

de direito materno, que se baseia nos valores femininos (Colling 2004). Foi no livro de Bachofen que o termo matriarcado apareceu pela primeira vez, e teria surgido de uma tradução incorreta do alemão para o inglês. A tradução mais correta seria ginocracia/ginecocracia, que indicaria uma sociedade sem estruturas de poder e hierarquias, onde os meios de produção pertencem a todos e existem leis para prevenir o acúmulo de bens e de poder. Todas as decisões são tomadas em consenso, que respeita gênero e gerações (Vonier, 2009).

Para Eisler (1989), faz sentido que o poder divino na forma humana fosse representado na antiguidade pela fêmea e não pelo macho, pois quando começaram a se indagar “de onde viemos?” E “para onde vamos?”, devem ter percebido que a vida emerge do corpo da mulher. Portanto, a autora relata que teria sido natural para essas sociedades imaginar o universo como uma mãe, cujo útero dá a luz a todas as formas de vida, e para onde retornam após a morte, assim como na vegetação. Segundo a autora também faria sentido que essas sociedades tivessem uma estrutura social muito diferente da nossa, como o universo possuía características “femininas”, a forma de governar também seria assim, com cuidado, compaixão e não-violência.

As antropólogas Rosaldo & Lamphere (1974) não concordam com as afirmações feitas por J.J. Bachofen (1815-1887), para elas a maioria, se não todas as sociedades contemporâneas, independente da organização ou modo de subsistência, é caracterizada por algum grau de dominação masculina. As autoras relatam que, enquanto apenas alguns antropólogos concordam que existem ou existiram sociedades que sejam verdadeiramente igualitárias, ninguém realmente observou uma sociedade onde a autoridade e poder da mulher sejam publicamente reconhecidos e que superem o dos homens.

Para muitos teóricos (as), houve uma sociedade matriarcal, que teria existido desde o ano 35.000 a.C. na Europa e na Ásia. Essa seria uma sociedade onde não havia guerra e

violência, onde não havia classes sociais ou estrutura rígida de poder. Onde nem os homens e nem as mulheres eram oprimidos, era uma sociedade que celebrava a vida e a Natureza como Divina. Essa cultura teria sido extinta por volta de 4.000 a.C. quando invasores teriam introduzido o machismo, bem como a cultura da guerra e o Patriarcado. (http://revistagalileu.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,938505-1719-1,00.html). Esses invasores eram de tribos que migravam pela Europa em busca de alimentos, destruindo e dominando todas as culturas diferentes que encontravam no seu caminho. Por serem criadores de animais, eles compreendiam a paternidade e impuseram seu sistema de dominância sobre as mulheres e as crianças. Eram patrifocais, e sendo nômades, os homens decidiam quando e para onde iriam, migrando em busca de comida, destruindo e dominando as culturas das civilizações que encontravam em seu caminho. Assim, a cultura da Deusa foi sendo pouco a pouco dizimada, permanecendo apenas em lugares remotos como Creta e Irlanda, e eventualmente, esses lugares também sucumbiram ao sistema patriarcal do Império Romano e depois do Cristianismo (Davis, 1998).

Uma questão pertinente é a discussão acerca da nomenclatura utilizada para essas sociedades antigas. Enquanto a maioria dos (as) teóricos (as) prefere o termo matriarcal, sem percebê-la como uma posição de patriarcado invertido, outros (as) teóricos (as) utilizam o termo matrifocal, pois avaliam que o matriarcado seria uma concepção feminina do patriarcado, sendo assim, alguém seria oprimido novamente. Algumas teorias trazem histórias de sociedades matriarcais, onde existiria uma dominação feminina, outras as percebem como sociedades igualitárias, sem dominância de nenhum dos sexos (Dashú, 2005). Para Riane Eisler (1989) o nome mais correto seria “Gilania” que usa as palavras gregas “mulher” e “homem”, pois descreve uma parceria para a organização social, sendo que dessa forma, nenhum dos sexos domina o outro.

Para Eller (1991) que fala que os matriarcados pré-históricos são a característica principal da história da espiritualidade feminista, essa cultura pode ser chamada de matrística, matrifocal, ginocêntrica ou matriarcal, todas essas palavras são utilizadas com o objetivo de enfatizar o papel central que era dado à mulher na sociedade como uma representação da Deusa.

Uma sociedade matrifocal, apresenta a mãe como a figura estável, com as outras pessoas do grupo doméstico estando ao seu redor, sendo elas, filhas ou filhos, e também netos e netas. As mulheres decidem sobre as regras da casa e sobre as crianças, o pai/marido pode estar ausente ou presente, porém, a autoridade do grupo é uma característica feminina (Zarur, 2009).

Nos anos de 2003 e 2005 ocorreram dois “World Congress on Matriarchal Studies”, cujos objetivos eram discutir sociedades matrilineares, matrifocais e matriarcais; disseminar a ideia de sociedades igualitárias não muito conhecidas; mostrar ao mundo a necessidade de um cuidado maior com sociedades que preservaram o matriarcado até hoje e são marginalizadas, e celebrar as diversas formas de contribuições culturais das mulheres, no passado, presente e futuro (<http://www.first-congress-matriarchal-studies.com/en/index.html>).

Ainda segundo a fonte acima citada, a ordem social das sociedades matriarcais é “baseada em princípios inteligentes, que foram cultivados ao longo de milhares de anos de experiência humana”. Essas sociedades vivem em equilíbrio, e praticam uma “igualdade recíproca” onde cada indivíduo, independente de seu sexo/gênero ou idade é tratado com respeito. Novamente aqui, é possível perceber a idealização descrita pelo (as) autores (as) que relatam estas sociedades antigas.

Essas sociedades ginocêntricas, segundo certas fontes, eram sociedades onde predominava a promiscuidade sexual, dessa forma impossibilitando o conhecimento da

paternidade, em que a filiação era só feminina, segundo o direito materno. Somente mais tarde essas sociedades foram substituídas e convertidas em patriarcados (Yll, 2002).

É possível perceber através da literatura, que houve há muito tempo uma unidade primordial, onde existia “uma Mãe Terra e um Pai Espírito”, que possuíam uma união feliz e harmoniosa. Porém, esse “paraíso” foi perdido, alienado e afastado da sociedade e “fomos forçados a engolir a amargosa propaganda de um Pai culpado, porém todo-poderoso. Ocorreu a destituição da Mãe do poder e seus cultos foram abandonados e perseguidos” (Carvalho, Cursino, Fonseca & Pena, 2003, pp. 43).

Na literatura podemos encontrar diferentes versões do mito da derrubada do matriarcado original. Uma dessas versões se dá no momento da puberdade masculina, em que os homens mais velhos contam aos jovens terríveis narrativas sobre como as mulheres controlavam os instrumentos da cultura, mas foram derrotadas pelos homens; agora, eles controlam os símbolos de poder cultural. Os jovens são ensinados a se identificar com a esfera masculina como sendo superior à feminina. Outra versão bastante citada fala de uma lenda indígena, onde as mulheres eram as caçadoras e mantenedoras da tribo, até que os homens se revoltaram e mataram todas as mulheres adultas, deixando apenas as crianças e contaram a elas que existiam outras mulheres em outros lugares e que elas nasceram para servi-los (Blasi & Rigler, 1996).

Ortner (1974) explica o status secundário da mulher, concluindo que a desvalorização universal das mulheres é baseada no pressuposto cultural da hierarquia da cultura, que é a esfera do controle humano sobre a natureza, que são processos espontâneos, que os seres humanos não originam ou controlam, mas dos quais dependem. Esses processos percebem as mulheres como estando “mais próximas da natureza” do que os homens, dessa forma caindo em uma posição intermediária, ficando entre a cultura como esfera masculina e a natureza não-controlada. Em diferentes campos do saber, principalmente no nível de diversas ciências

e da teologia, existe a definição da mulher sempre em relação ao homem, como um ser falho, seja pela ausência de órgãos masculinos, ou pelas diferenças neurológicas (Pastore (1995) apud Nunes 1995).

Segundo Yll (2002) são diversas as possibilidades para o surgimento do Patriarcado, desde uma troca de religião, passando por uma reorganização de trabalho, ou então o fato de o pai nunca ter certeza de qual é o seu filho; assim, a criação do Patriarcado põe fim a essa situação. Alguns teóricos trazem a possibilidade da criação do Patriarcado como o resultado de um procedimento mais complexo. As feministas percebem o Patriarcado como um poder do pai, onde existe um sistema familiar, social, ideológico e político onde os homens, através da força, da linguagem e dos costumes, determinam qual é o novo papel das mulheres (Shüssler-Fiorenza, 2002).

Os primórdios da humanidade apresentam grandes dificuldades no campo da pesquisa social, por haver falta de registros escritos. Dessa forma, é necessário se apoiar em lendas e na tradição oral, assim inferindo as lacunas que rompem essa sequência histórica. Alguns estudos relatam que a ascensão do Patriarcado, primeiramente iniciada com os hebreus na religião, fez com que a tradição de adoração à Deusa se tornasse uma ameaça à consolidação do poder pelos homens. Antes do Patriarcado, existiam famílias matrilineares, que também se extinguíram após a imposição das religiões monoteístas. Esses povos, que adoravam as Deusas, possuíam crenças politeístas e seguiam costumes matriarcais, acabaram sendo reprimidos e quase desaparecendo. Assim, a mulher foi “trancada” em casa e destinada a cuidar da família e do lar (Ariès, 1981; Blasi & Rigler, 1996; Prado, 1985).

A relação com a Bruxaria

O livro *O culto das bruxas na Europa Ocidental*, escrito por Margaret Murray em 1921, causou grande repercussão na época, e ainda causa nos dias de hoje. A autora defende no livro, a tese de que a bruxaria da época, não era nada além de uma continuação de uma religião primitiva, pré-cristã, de fertilidade. Murray continuou a pesquisar sobre o assunto e a escrever outros livros posteriormente, porém, a maioria dos relatos trazidos por ela, foi desacreditada, com exceção da existência real de um culto pré-cristão de fertilidade, que existiu durante a Idade Média e de que seus resquícios foram taxados como bruxaria. Esta ideia não era nova, mas foi amplamente difundida graças a Murray (Eliade, 1979).

O ressurgimento da bruxaria (ou sua criação, segundo alguns autores), ocorreu por volta de 1948 com Gerald Gardner, e estava vinculado ao movimento do Romantismo. Os autores que relatam esse momento como a criação da bruxaria, falam que Gardner usou como base a manifestação primitiva dos camponeses, que foram oprimidos durante a Idade Média e que acabaram adotando os remanescentes de um antigo culto de fertilidade, como forma de protesto contra a opressão da Igreja e da Aristocracia Feudal (Araújo, 2007).

A bruxaria moderna, como movimento religioso contemporâneo, se propõe a recuperar uma complementaridade entre homens e mulheres, que pode ser percebida como de ordem natural, sendo que está representada na própria natureza. Desta forma existe o culto da Deusa, bem como do Deus, tendo a Deusa um papel preponderante, porém não significando uma superioridade, mas como um resgate necessário para que possam ser restabelecidos valores que foram historicamente negados às mulheres (Bulsing, 2010).

Para Eliade (1992) e Mead (1971), a mulher se relaciona misticamente com a Terra e todas as experiências religiosas relacionadas com a fecundidade e o nascimento possuem uma estrutura cósmica. A sacralidade da mulher e a santidade da Terra se complementam. A fecundidade feminina tem como modelo cósmico a *Terra Mater*, a Mãe universal. Algumas facetas do Paganismo acreditam que a Terra-Mãe é capaz de conceber sozinha, enquanto

outras acreditam na dualidade dos Deuses criando o universo. Essa periodicidade da mulher e suas funções reprodutivas acabaram fazendo com que diversos povos as percebessem como fontes naturais de poder religioso e mágico, construindo uma relação simbólica da mulher com o mundo sobrenatural. Enquanto outros as tornaram forças negativas e pecadoras, tendo um papel inferior na hierarquia.

Nas sociedades primitivas e na Idade Média, as mulheres foram acusadas e punidas por encantamentos que não haviam realizado. Na Europa, houve uma superabundância de feiticeiras com a chegada do século XIV. Nesse caso, é preciso levar em conta que era época de perseguição, e somente temos acesso aos processos de Inquisição. O número de feiticeiras é proporcional aos preconceitos sociais que eram explorados e alimentados pela Igreja (Mauss, 1974).

O *Malleus Maleficarum* ou *Martelo das Feiticeiras* era o guia de caça as bruxas, foi um livro escrito com sanção da Igreja em 1484, conhecido como o “Manual do Inquisidor”, que foi utilizado para difamar as mulheres, que eram consideradas “fonte carnal de todo o mal”. Diversos livros de história contam sobre a caça às bruxas e sobre a tortura sofrida por milhares (ou milhões) de mulheres naquela época. Um dos estímulos para as perseguições iniciou quando as pessoas começaram a voltar sua busca por cura de doenças para a medicina não tradicional, deixando de lado os “médicos” educados pela Igreja. As bruxas/curandeiras, que eram acusadas de possuírem “poderes mágicos” eram condenadas e punidas na fogueira. Elas também eram acusadas de se reunir nas florestas para se associarem com demônios, porém a acusação mais comum tinha relação com a sexualidade dessas bruxas. Aos olhos da Igreja, o poder maior das bruxas seria derivado de sua sexualidade feminina “pecaminosa” (Eisler, 1989, p. 112).

A Inquisição durou quatro séculos, ocorrendo em quase toda Europa e tendo seu ponto alto de perseguição em massa às mulheres que foram acusadas de bruxaria entre 1560 e 1630,

estima-se que o número de vítimas possa estar entre 100 mil e um milhão. A Inquisição foi um momento tenebroso da história da Igreja, quando ocorreu a perseguição de pessoas que possuíam práticas não-cristãs, também chamadas de pagãs, aos judeus e às chamadas “bruxas”. Dentre as heresias que eram punidas, se sobressaiu à bruxaria, como a mais temível e perigosa (Tomita, 2002).

O Renascimento de antigas religiões

Apesar de vivermos em uma sociedade ainda patriarcal, nos últimos anos tem-se percebido uma retomada de antigas e a criação de novas tradições, crenças e religiões pagãs, onde se destacam a Bruxaria, o Xamanismo e a Wicca². Os seguidores do politeísmo, e do divino/sagrado feminino, que também podem ser chamados de pagãos, estão em maior número e têm se mostrado/aparecido mais. Os pagãos reconheceram as vantagens de educar o público geral sobre o Paganismo e o Divino Feminino. Tornaram-se mais disponíveis para a mídia e realizam seus rituais em lugares públicos, além de escreverem livros e artigos explicando a natureza e as características básicas dessa religião. Também é possível perceber um número maior de pesquisas sobre pagãos, incluindo estudos históricos e antropológicos, envolvendo pesquisas, entrevistas e a observação da prática de rituais (Barner-Berry, 2005; Brigante, 2007).

O termo “pagão” tem origem no latim, e quer dizer alguém que vive no campo. Como as pessoas que viviam no campo eram as últimas a serem colonizadas pelos missionários cristãos, “pagão” acabou se tornando a nomenclatura utilizada para os (as) praticantes de

² Bruxaria é o ofício do(a) bruxo(a), onde a pessoa sábia tem o conhecimento de ervas, de cura, dos astros e interage com a Natureza. Xamanismo é a denominação dada às práticas nativas/indígenas de um determinado povo ou cultura. Wicca é uma religião contemporânea pagã, que surgiu por volta da década de 50 do século XX na Inglaterra e tem atualmente cerca de 15 milhões de seguidores pelo mundo (Brigante, 2007).

religiões pré-cristãs (Davis, 1998). Diante do ressurgimento dos antigos cultos denominados “pagãos”, ocorreu também um resgate do significado primordial dessa palavra, juntamente com uma tentativa de retirar dela o significado negativo que havia sido atribuído pelo Cristianismo. “Religião pagã” é atualmente o termo utilizado para toda religião que tem a sua espiritualidade voltada para os ciclos da natureza e o mundo natural (Brigante, 2007). Esse renascimento do Paganismo é nomeado como Neo-Paganismo e é percebido pelos (as) teóricos (as) como um olhar para o passado em busca de um “guia” para um futuro melhor (Davis, 1998).

Antigamente o homem vivenciava a terra como uma Mãe generosa, na qual o elemento feminino era venerado e respeitado. Com o avanço da ciência e do modelo patriarcal, essa visão sofreu modificações e o feminino passou a ser considerado algo “inferior” ou de menor valia (Carvalho et al, 2003). O movimento da Deusa busca promover uma retomada de poder através da nomeação da experiência divina como feminina, e evitar o que são percebidos como valores patriarcais que promovem desigualdades de gênero (Bloch, 1997). Re-imaginar o divino como feminino terá importantes consequências psicológicas e políticas para homens e mulheres, a mais importante delas será o fato de que o símbolo da Deusa afirma a legitimidade e o poder feminino. Isso afetará milhares de mulheres que nasceram e foram criadas em culturas que as ensinaram a serem submissas ao poder masculino, na família, na sociedade, no mundo (Christ, 2007).

Ruether (2005) traz sobre a normatização da “religião da Deusa” relatando que a cultura dominante tem um enorme poder de “captar” todo e qualquer movimento novo e integrá-lo ao seu sistema de uma forma que o prive de qualquer poder crítico. Dessa forma, desde metade da década de 70 do século XX, quando os movimentos neo-pagãos começaram a se organizar com mais força, os (as) seguidores (as) dessa espiritualidade têm tido um

espaço maior na sociedade para demonstrar suas crenças e desconstruir visões erradas sobre essas religiões.

Ao falar de Deus, utiliza uma linguagem intimamente ligada às tradições culturais. Da mesma forma que existem diversas culturas, existem diversas formas de falar de Deus. Sendo que nenhuma dessas culturas é superior às outras, todas podem expressar a experiência do transcendente, do Divino (Ferraro, 2003). Ruether (2005, p. 153) relata que não existe um caminho certo para todos, mas que “existem diferentes caminhos na montanha da compreensão espiritual”.

Griffin (1995) traz a fala do antropólogo Clifford Geertz (1973) que argumenta que a religião molda a ordem social e os processos psicológicos, e que os símbolos e mitos dos rituais são um resumo do que se deve saber do mundo, e eles servem para ensinar as pessoas a como lidar com isso. Eisler (1997) traz que homens e mulheres estão revendo as suposições convencionais a respeito de questões básicas, e essa mudança de paradigma é importante para o momento em que vivemos. Rever os significados do que é “masculino” e o que é “feminino”, bem como a relação entre os dois, faz parte dessa mudança. A autora traz que esta é uma época de rápida transformação social, onde buscamos alternativas que sejam viáveis para o nosso futuro, e as descobertas realizadas através dos estudos arqueológicos e religiosos nos mostram que estas alternativas podem estar enraizadas profundamente em tradições milenares que somente agora estamos recuperando do nosso passado.

Neumann (1999) (apud Carvalho et al. 2003) relata a ameaça pelo desenvolvimento patriarcal para a humanidade. Trazendo que é importante que a sociedade ocidental resgate o mundo feminino. Com isso, o ser humano poderá desenvolver toda sua capacidade psíquica necessária para estar atento aos perigos que o ameaçam tanto por dentro como por fora de sua existência.

Considerações finais

O presente ensaio teve a intenção de apresentar a história da religião da Deusa através dos tempos, desde seu início controverso com uma religião pré-patriarcal até os dias de hoje com a denominação mais conhecida de Wicca ou Paganismo. Desde o início da luta das mulheres por igualdade de direitos, sempre houve teóricas que relataram a importância do feminino na religião e na espiritualidade. As poucas, com a ajuda dos movimentos feministas, a religião da Deusa ganhou força e ficou mais conhecida, inclusive no meio acadêmico. Com o reforço de indícios arqueológicos que podem ser interpretados como parte de uma cultura e de uma sociedade que adorava uma Deusa, onde homens e mulheres teriam direitos iguais, e não existiam guerras, as feministas ganharam o apoio de vários (as) arqueólogos (as) e antropólogos (as) da Academia, ganhando assim espaços na área de pesquisa.

Porém, como relatado por Christ (2007), ao re-imaginarmos o divino como feminino, não devemos simplesmente trocar o Deus masculino por uma Deusa feminina, assim como não devemos trocar o patriarcado pelo matriarcado. Quando re-imaginamos o divino, devemos rejeitar todas suas imagens e compreensões como poder de dominação, ou poder sobre, renomeando o poder divino para “poder com” – inspiração, simpatia e amor. É necessário que questionemos as imagens bíblicas e não bíblicas de um divino com poder violento, de guerra e dominador. Também devemos criticar e prover alternativas para compreensões filosóficas e teológicas no Cristianismo, Judaísmo e outras religiões que vêem o Deus como onipotente, onisciente e imutável.

Como mencionado por Davis (1998), as áreas de conhecimento que mais discutem sobre questões do Paganismo e religião da Deusa são Antropologia e História Antiga, havendo uma necessidade de livros de especialistas sobre o assunto. Na área da Psicologia, foram encontradas apenas duas autoras que escreveram sobre o tema, as americanas Naomi

Goldenberg (1973) e Jean Shinoda Bolen (2004), a primeira sendo professora de estudos religiosos e a segunda psiquiatra, ambas com formação em Análise Junguiana. Seus livros tratam da relação do feminismo com os arquétipos de Jung, porém não relatam sobre a parte religiosa mais especificamente.

Atualmente existe outra área da Academia que está lançando teorias que se relacionam com preceitos pagãos. Os pagãos percebem o planeta como um ser vivo, como sendo o corpo da Deusa, e que todos os tipos de vida no planeta estão interligados, afetando e dependendo uns dos outros. E essa visão pagã de mundo está sendo discutida agora no mundo científico, onde os cientistas atuais e o “boom” dos “movimentos verdes” ou “eco” estão contribuindo para uma abertura da percepção nos indivíduos, que começam a perceber o planeta e toda a forma de vida terrestre como algo único, interligado, que depende de todas as coisas vivas para sobreviver. A hipótese de Gaia, do cientista James Lovelock vem conquistando cada vez mais apoiadores ao definir que toda a matéria viva terrestre, incluindo a atmosfera, os oceanos, e o solo, formam um sistema de vida complexo e interligado (Eisler, 1989). Ou seja, o planeta depende de nós tanto quanto nós dependemos dele.

A pesquisa que foi realizada mostrou a necessidade de aprofundar o conhecimento dessa religião ainda pouco discutida nos meios acadêmicos do Brasil. Esperamos poder contribuir com nosso estudo, para que sejam ampliados os horizontes dos conhecimentos sobre questões religiosas, que são centrais na vida humana. É nosso objetivo que os seguidores do Paganismo, bem como a religião em si, sejam mais estudados, para que possam ser melhor compreendidos e para que os preconceitos e discriminações possam ser derrubados. O campo se mostra extremamente amplo e aberto a novas pesquisas e estudos.

Referências

- Adelman, Miriam (2003). Dar margens ao centro: refletindo sobre a teoria feminista e a sociologia acadêmica. *Estudos Feministas*, 11 (1), p. 284-288.
- Aguiar, Neuma (1997). Perspectivas feministas e conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro. In Aguiar, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas; desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres* (pp.161-191). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Amorós, Celia (2000). *Tiempo de feminismo. Sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Araújo, Susana de A (2007). Paradoxos da Modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre. *Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRGS.
- Ariès, Phelippe (1981). *História social da criança e da família*. (2a ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barner-Berry, Carol (2005). *Contemporary paganism: minority religions in a majoritarian America*. New York: Palgrave Macmillan.
- Blasi, Iwonka, & Rigler, Cristina (1996). *Os grandes mitos da feminilidade*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Bloch, Jon P. (1997). Countercultural spiritualist's perceptions of the goddess. *Sociology of religion*, 58 (2), 181-190.
- Bolen, Jean S. (2004). *Goddess in everywoman: powerful archetypes in women's lives*. San Francisco: Harper.

- Brigante, Lugus D. (2007) *Espiritualidade matrifocal* [online]. Disponível em <<http://www.paganismo.org/artigos/lugus-dagda-brigante/espiritualidade-matrifocal.html>>, acesso em 10 de ago, 2009.
- Bulsing, Muriel (2010). A bruxaria moderna: conhecendo a Wicca e suas representações e relações de gênero. *Trabalho de conclusão de curso, Curso de Ciências Sociais*. Santa Maria: UFSM.
- Chrisler, Joan C. e Smith, Christine A. (2004). Feminism and psychology. In M. A. Palude (Org.). *Praeger guide to the psychology of gender* (pp. 271-292). Westport: Praeger.
- Christ, Carol P. (2007). Theological and political implications of re-imagining the divine as female. *Political Theology*, 8 (2), 157-170.
- Coleman, Kristy S. (2001). Matriarchy and myth. *Religion* [online], 31, 247-263. doi:10.1006/reli.2001.0333
- Costa, Cláudia de L. e Schmidt, Simone P. (2004). Feminismo como poética/política. In Costa, Cláudia de L., Schmidt, Simone P. (Orgs.). *Poéticas e políticas feministas* (pp. 9-18). Florianópolis: Mulheres.
- Dashú, Max (2005). Knocking down straw dolls: a critique of Cynthia Eller's The myth of matriarchal prehistory. *Feminist Theology* [online], 13, 185-216. doi: 10.1177/0966735005051947
- Davis, Philip G. (1998). *Goddess unmasked: the rise of neopagan feminist spirituality*. Texas: Spence Publishing Company.
- Doane, Janice; Hodges, Devon (1987). *Nostalgia and sexual difference*. The resistance to contemporary feminism. Londres: Methuen.
- Eisler, Riane (1989). *O cálice e a espada – a nossa história, o nosso futuro*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

- _____ (1997). A Deusa da natureza e da espiritualidade. In: Joseph Campbell, Riane Eisler, Maria Gimbutas e Charles Musès, *Todos os nomes da Deusa* (pp. 11-34). Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- El-Bushra, Judy (2008). Feminism, gender, and women's peace activism. In Cornwall, Andrea, Harrison, Elizabeth, Whitehead, Ann (Orgs.). *Gender myths & feminist fables*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Eliade, Mircea (1979). *Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas*. Belo Horizonte: Interlivros.
- _____ (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eller, Cynthia (1991). Relativizing the patriarchy: the sacred history of the feminist spirituality movement. *History of Religions*, 30 (3), 279-295, feb 1991.
- Ferraro, Benedito (2003). Questões contemporâneas para a teologia na perspectiva de gênero. In SOTER (org.), *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas* (pp. 121-141). São Paulo: Loyola.
- Freitas, Maria C. (2003). Gênero/teologia feminista: interpelações e perspectivas para a teologia – relevância do tema. In: SOTER (org.), *Gênero e teologia: interpelações e perspectivas* (pp. 13-33). São Paulo: Loyola.
- Griffin, Wendy (1995). The embodied goddess: feminist witchcraft and female divinity. *Sociology of Religion*, 56 (1), 35-48.
- Husain, Shahrukh (2001). *Divindades Femininas: criação, fertilidade e abundância, a supremacia da mulher, mitos e arquétipos*. Singapore: Dunca Baird Publishers.
- Jones, Prudence; Pennick, Nigel (1995). *A history of pagan Europe*. London: Routledge.
- Jurkewicz, Regina S (1995). Dados históricos da elaboração do pensamento feminista. *Mandrágora*, 2 (2), 17-24.

- Machado, Lia Z. (1992). Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In Costa, Albertina, Bruschini, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero* (pp. 24-38). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Matriarcado, História ou Mito (2005) [online]. Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,938505-1719-1,00.html>, acesso em 10 de jun, 2010.
- Mauss, Marcel (1974). Esboço de uma teoria geral da magia. In Mauss, M.; Hubert, H. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU.
- Mead, Margareth (1971). *Macho e Fêmea*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda.
- Millet, Kate (1970). *Sexual Politics*. New York: Doubleday & Company.
- Molyneux, Maxine (2003). *Movimientos de mujeres en América Latina*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Negrão, Telia (2002). Feminismo no plural. In Tiburi, Márcia, Menezes, Magali de M., Eggert, Edla (Orgs.). *As mulheres e a filosofia* (pp. 271-280). São Leopoldo: UNISINOS.
- Nunes, Maria José F.R. (1995). Gênero, saber, poder e religião. *Mandrágora*, 2 (2), 9-16.
- Ortner, Sherry B. (1974). Is female to male as nature is to culture? In. Rosaldo, Michelle Z., Lamphere, Louise (Eds). *Woman, culture and society*. California: Stanford University Press.
- Percovich, Luciana (2004). Europe's first roots: female cosmogonies before the arrival of the indoeuropean peoples. *Feminist Theology* [online], 13 (26), 26-39. doi: 10.1177/096673500401300103
- Prá, Jussara (1997). O feminismo como teoria e como prática. In Strey, Marlene N. (Org.). *Mulher: Estudos de gênero* (pp. 39-57). São Leopoldo: UNISINOS.
- Prado, Danda. (1986). *O que é família?* (6ª ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.

- Proença, Wander de L. (2007) *O método da observação participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro* [online]. Disponível em <http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf>, acesso em 13 de set, 2009.
- Roig, Montserrat (1986). *El feminismo*. Barcelona: Salvat Editores.
- Rosaldo, Michelle Z; Lamphere, Louise (1974). *Woman, culture & society*. Stanford, California: Stanford University Press.
- Ruether, Rosemary R. (1993). *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo-RS: Sinodal.
- _____ (2005). The normatization of the goddess religion. *Feminist Theology* [online], 13 (151), 151-157. doi: 10.1177/0966735005051941
- Saffioti, Heleieth (1988). Movimentos sociais: a face feminina. In Carvalho, Nanci V. (Org.). *A condição feminina* (pp. 143-178). São Paulo: Vértice.
- Schmidt, Simone P. (2004). Como e porque somos feministas. *Revista Estudos Feministas*, 12 (número especial), 17-22.
- Schüssler-Fiorenza, Elisabeth (2002). Deus (G*d) trabalha em meio a nós. De uma política de identidade para uma política de luta. *Revista de Estudos da Religião*, 1 (2), 56-77.
- Souza Filho, Augusto B (2009). *A teologia feminista* [online]. Disponível em <<http://www.bibliapage.com/mulher1.html>>, acesso em 15 de Nov, 2010.
- Steinem, Gloria (1997). *Memórias da transgressão: momentos da história da mulher do século XX*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- Strey, Marlene Neves (1998). Gênero. In Strey, Marlene N., Jacques, Maria da Graça C., Bernardes, Nara M. G. et al. (Orgs.). *Psicologia social contemporânea: livro texto*. (pp. 181-198). Petrópolis, R.J: Vozes.
- Stone, Merlin (1976). *When God was a woman*. Florida: Hancourt, Inc.

- Teles, Maria A. de A. (1993). *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Teles, Maria A. de A (2003). Feminismo no Brasil: trajetória e perspectivas. In: SOTER (org.), *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas* (pp. 51-66). São Paulo: Loyola.
- Tomita, Luiza E. (2002). A inquisição e a caça às bruxas – uma página tenebrosa da história das mulheres. *Mandrágora*, (7/8), 37-51.
- Toscano, Moema; Goldenberg, Miriam (1992). *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan.
- Vonier, Hannelore (2009) Description of matriarchy [online]. Disponível em <http://matriarchy.info/index.php?option=com_content&task=view&id=103&Itemid=26>, acesso em 18 de ago, 2009.
- Wilkinson, Sue (1986). *Feminist social psychology*. Milton Keynes: Open University.
- World Congress on Matriarchal Studies (2009) [online]. Disponível em < <http://www.first-congress-matriarchal-studies.com/en/index.html>>, acesso em 10 de ago, 2009.
- Yll, Maria E. S. (2002). *Cuerpos sexuados, objectos y prehistoria*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Zarur, George (2009). Repensando o conceito de matrifocalidade [online]. Disponível em <<http://www.georgezarur.com.br/artigos/161/repensando-o-conceito-de-matrifocalidade>>, acesso em 15 de set, 2009.

CULTO À DEUSA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: CONHECENDO OS SEGUIDORES DO PAGANISMO

Taís Borin Vieira

Marlene Neves Strey

Resumo

O presente texto apresenta uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo conhecer quem são os seguidores do Paganismo e da “religião da Deusa”, bem como demonstrar como é para essas pessoas seguir uma religião que tem o foco no feminino em uma sociedade ainda patriarcal como a que vivemos. Os (as) participantes deste estudo são homens e mulheres com idades entre 24 e 60 anos, praticantes do Paganismo, que participam do Encontro Social Pagão® (ESP®), realizado mensalmente em Porto Alegre-RS. A seleção dos (as) participantes ocorreu por conveniência, tendo como ponto de partida o contato realizado durante um ESP®. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas, que, após serem transcritas, foram analisadas através da análise de discurso, bem como de quatro observações de encontros realizados pelo grupo. Os resultados apontam similaridades na forma de se perceber como sujeito pagão e de ainda sofrer discriminação. Também mostram que esta espiritualidade é uma parte importante da vida dos (as) participantes. Por fim, são realizados comentários e sugestões acerca da importância dessa religião ser mais pesquisada no mundo acadêmico, promovendo, assim, uma desmistificação do Paganismo na sociedade.

Palavras-chave: Paganismo, Deusa, religião, gênero.

GODDESS WORSHIP IN THE MODERN WORLD: GETTING TO KNOW THE FOLLOWERS OF PAGANISM

Abstract

This paper presents a qualitative study that aims to identify who are the followers of paganism and the "Goddess religion, as well as to show how these people follow a religion that focuses on the feminine in a patriarchal society, which we still live in. The participants of the study are men and women between the ages of 24 and 60 years, practitioners of paganism, that participate in the Pagan Social Gathering (ESP®), held monthly in Porto Alegre-RS. The selection of the participants was a convenience, having its starting point the contact made during a ESP®. The data collection was conducted through semi-structured interviews, which, after being transcribed, were analyzed through discourse analysis, as well as four observations of meetings held by the group. The results show similarities in the way of perceiving themselves as pagans and the way they still suffer discrimination. They also show that spirituality is an important part of the life of the participants. Finally, comments and suggestions are made about the importance of further studies about this religion in the academic world, thereby promoting a demystification of paganism in the society.

Key-words: paganism, Goddess, religion, gender.

Introdução

Este artigo foi realizado a partir da análise de seis entrevistas realizadas com seguidores do Paganismo residentes em Porto Alegre-RS, bem como de observações realizadas em edições do “Encontro Social Pagão®”, com o objetivo de apresentar e mostrar esta “nova” forma de espiritualidade, que está cada vez mais presente na sociedade moderna e também perceber como os entrevistados se percebem enquanto pagãos e “seguidores da Deusa” em uma sociedade ainda patriarcal. No Brasil os estudos sobre essa religião ainda são poucos e concentrados na área da Antropologia, que tende a se focar na faceta mais popular do Paganismo, a Wicca. Porém, nos Estados Unidos, é possível encontrar diversos estudos sobre a retomada do Paganismo na sociedade moderna, que incluem estudos históricos e antropológicos, envolvendo pesquisas e entrevistas, além da observação de práticas de rituais (Barner-Berry, 2005).

Para Araújo (2007), ocorreu um ressurgimento do movimento esotérico durante o século XIX, que foi simultâneo a um “desencantamento do mundo moderno”, havendo, dessa forma, uma retomada da tradição pagã. Davis (1998) fala que, com o final do século XX, a busca por um significado na vida chega ao seu ápice, enquanto a maioria das igrejas continua a perder espaço, o número de novos movimentos religiosos cresce, forçando religiões tradicionais a se adaptarem, mudando sua visão espiritual e política.

Para Higginbotham (2003) Paganismo³ ou Neo-Paganismo é um termo “guarda-chuva” utilizado para descrever uma grande variedade de religiões/tradições. O Paganismo engloba crenças em diversas divindades, e tem a sua espiritualidade voltada para os ciclos da natureza e o mundo natural (Brigante, 2007). A história do Paganismo, bem como suas raízes,

³ Apesar de a maioria dos textos brasileiros utilizarem a expressão “Neo-Paganismo”, como apenas em um momento uma das entrevistadas se referiu a religião desta forma, iremos utilizar somente a palavra “Paganismo”, que é a forma que a maioria dos (as) entrevistados (as) utilizou para se referir a sua religião.

ainda é controversa, pois alguns autores a consideram uma nova religião, que deriva da Bruxaria de Gerald Gardner, enquanto outros trazem que ela é herança de sociedades pré-patriarcais.

O termo “pagão” tem origem no latim, e quer dizer alguém que vive no campo, mas é inicialmente utilizado com o significado de “não-civilizado” ou até mesmo “não-cristão”. Como designação religiosa, foi usada primeiramente pelos cristãos no Império Romano, para descrever os seguidores de outras religiões, ou as últimas pessoas a serem colonizadas pelos missionários cristãos. No decorrer dos anos, o termo voltou a ser utilizado para caracterizar os participantes de religiões que possuem um profundo respeito e culto à natureza, que percebem a vida do ser humano em harmonia com os grandes ciclos e com o ritmo das estações (Davis, 1998; Gerndt, 2008; Jones & Pennick, 1995).

A discussão acerca da origem do Paganismo ainda permanece, diferentes autores apóiam a teoria do mito do matriarcado. J.J. Bachofen (1815-1887) escreveu diversas obras sobre o assunto, entre elas, a principal, *O Matriarcado* de 1861, onde ele descreve sobre o início da Humanidade e sobre como as mulheres, infelizes com o seu papel na sociedade que era dominada pelos homens, reverterem a situação e criam a *Ginecocracia*, uma sociedade de direito materno, que se baseia nos valores femininos (Colling 2004). A arqueóloga Marija Gimbutas traz em seus trabalhos, o que seriam evidências dessa sociedade, que teria existido desde o período Paleolítico até o Neolítico, e se estendendo ao início da civilização antiga. Essas evidências seriam diversas estatuetas de Deusas, sem a companhia de uma figura masculina. Como não existem documentos que comprovem essa “religião da Deusa”, muitos autores são céticos sobre essa questão (Husain, 2001; Ruether, 1993). Porém, evidências apresentadas recentemente pela Arqueologia e pela Antropologia Cultural, juntamente com as contribuições da Mitologia, comprovam descobertas mais antigas que haviam sido “esquecidas” ou simplesmente deixadas de lado. Essas contribuições são percebidas como

provas da existência de sociedades matriarcais em períodos pré-históricos, onde a Deusa era cultuada, as mulheres eram percebidas como “doadoras de vida” e as sociedades eram igualitárias e pacíficas. Pesquisadores da história das religiões concordam que em épocas da história em que a Grande Mãe era adorada, os seres humanos viviam em maior harmonia consigo mesmos e com a sua própria força vital (Coleman, 2001; Husain, 2001; Starhawk, 2003).

Com os achados arqueológicos encontrados na Idade da Pedra, que retratavam a Grande Mãe como deusa, pela primeira vez emerge na humanidade o arquétipo do Grande Feminino. Essas imagens da Grande Deusa são as mais antigas que a humanidade reconhece. Como elas se estendem desde a Sibéria até os Pirineus, é possível pressupor a idéia de que existia uma “visão de mundo” universal e unitária, onde o centro é a Grande Deusa (Neuman, 2006).

Devido a diversas fontes, é possível perceber que há muito tempo atrás, existiu uma unidade primordial, onde uma Mãe e um Pai possuíam uma união feliz e harmoniosa. Porém, fomos afastados e alienados desse “paraíso”, e forçados a aceitar a amargosa propaganda de um Pai culpado e todo-poderoso, sendo que a Mãe perdeu seus poderes, seus cultos foram dispersados, divididos, abandonados e perseguidos (Carvalho, Cursino, Fonseca & Penna, 2003). Neste texto é possível perceber uma idealização características de autores (as) que apóiam a idéia de sociedades matriarcais.

Essa “religião da Deusa”, como também é chamado o Paganismo, parece ter sido a primeira forma de religião humana, que teria ocorrido entre 40.000 e 3500 a.C. Era uma religião que cultuava a Grande Deusa que, sendo fêmea, simbolizava as forças da vida, do nascimento, fertilidade, morte e renascimento. Como o papel do homem na procriação ainda não era conhecido, o centro da organização social era a mulher, o que lhe proporcionava status social e valor (Davis, 1998). O Paganismo moderno é uma continuação do velho

Paganismo Europeu tradicional; ele utiliza os mesmos locais sagrados, as mesmas divindades, os mesmos festivais e os reinterpreta para o mundo contemporâneo (Jones & Pennick, 1995).

A psicologia analítica de Erich Neumann (2006) quando se refere à imagem da Grande Mãe, não se refere a uma imagem concreta existindo com tempo e espaço, está se referindo a uma imagem interior, que está em operação na psique humana, e as suas expressões simbólicas são as figuras e imagens da Grande Deusa, que acabam sendo reproduzidas nas criações artísticas e nos mitos da humanidade. Esse arquétipo e seu efeito podem ser observados ao longo de toda história da humanidade, e acabam presentes nos rituais, mitos e símbolos desde os primórdios, bem como nas fantasias e sonhos de todos os indivíduos do nosso tempo.

De acordo com Woolger & Woolger (2000), a civilização ocidental acabou sendo unilateralmente atraída pelo arquétipo masculino paterno, o que causou a supressão do arquétipo materno. Assim, quando vivemos em função somente do princípio paterno e subestimamos o feminino, adoecemos física e psiquicamente, não só como indivíduos, mas como sociedade.

Com o início do patriarcado, a antiga consciência matriarcal da Deusa Mãe foi sendo transformada na devoção católica à Virgem Maria, além disso, também foi afastada dos ciclos da terra, sendo que tudo que era relacionado a natureza terrena, de acordo com a concepção dicotômica da realidade (céu-inferno, corpo-espírito) era considerado impuro e sujo. A mãe católica é somente o lado espiritual, e não contém aspectos que a relacionem com mulheres reais. Fomos ensinados (as) a pensar em Deus, como Pai, sem o contraponto feminino (Carvalho et al., 2003).

Nas religiões patriarcais a força feminina foi excomungada e exorcizada. Na Idade Média as mulheres foram ensinadas a ser submissas ao pai e depois ao marido; deveriam fazer

as tarefas domésticas e jamais ensinar algo para seus companheiros, somente aprender como agradá-los e passar esse ensinamento para suas filhas; agradecer ao Pai supremo, ao pai terreno e depois ao marido (Carvalho et al., 2003). Para Ortner (1979) as mulheres recebem um valor inferior em cada cultura por motivos diferentes. Ela é identificada, ou aparece como símbolo de algo que a cultura desvaloriza, algo que a cultura determina como sendo de ordem inferior a si própria.

Os psicólogos da cultura acreditam que a humanidade está ameaçada pelo desenvolvimento patriarcal unilateral da mentalidade masculina, que já não é mais compensado pelo mundo matriarcal da psique. Dessa forma, a sociedade ocidental precisa chegar a uma solução que inclua o mundo feminino, bem como o masculino. Assim, os seres humanos poderão se desenvolver em sua totalidade psíquica (Neumann, 2006).

Apesar de vivermos em uma sociedade ainda patriarcal, nos últimos anos esse sistema tem estado sob grande tensão, em parte causada pelos movimentos feministas, e têm-se percebido um reavivamento de antigas religiões, juntamente com a criação de novas tradições, crenças e religiões pagãs, onde se destacam a Bruxaria, o Xamanismo e a Wicca. Os seguidores do politeísmo, e do divino/sagrado feminino, estão em maior número e têm se mostrado mais. Os pagãos reconheceram as vantagens de educar o público geral sobre o Paganismo e o Divino Feminino e tornaram-se mais disponíveis para a mídia, além de realizarem seus rituais em lugares públicos e escreverem livros e artigos explicando a natureza e as características básicas desta religião (Davis, 1998; Carvalho et al., 2003; Brigante, 2007).

O retorno do Paganismo se deve primeiramente à busca de uma religião que venerasse uma Deusa e desse às mulheres, e aos homens, algo com que pudessem se identificar; segundo, o mundo começou a demonstrar um maior respeito pelo planeta Terra, com os movimentos ecológicos “verdes”, e dessa forma a retomar antigos valores pagãos de respeito

à Terra; e terceiro, a influência de filósofos pagãos do Oriente que proveram uma prática de forma mais racional, que antes era vista como esotérica (Jones & Pennick, 1995).

A volta dessas antigas tradições e cultos pagãos tem ocorrido em diversas partes do mundo, e traz consigo uma tendência da modernidade de relembrar suas origens e sua herança matriarcal, na qual a terra é percebida como extensão do próprio corpo, e esse não é profano, e sim sagrado. Isso coincide com a conscientização sobre a importância dos cuidados e do respeito para com a natureza. Ecologia acabou virando palavra de ordem no mundo contemporâneo, pois cada vez mais a sociedade se depara com problemas alarmantes que acabam por exigir novos posicionamentos (Carvalho et al., 2003).

Para Boff (1994) na época do matriarcado, nas sociedades pré-patriarcais, a humanidade possuía uma relação diferente com a natureza, em que tudo era carregado de respeito e veneração. Os seres humanos viam as coisas como cheias de irradiação e significado, não como simples seres inerentes, e a Terra, em suas várias expressões da Grande Mãe, era sentida como um organismo vivo.

Com o fortalecimento do modelo patriarcal, essa visão foi sofrendo modificações profundas, que levaram o feminino a ser visto como algo “inferior” ou de menor valia, que deveria ser dominado e usufruído. Essa perda que ocorreu com a chegada do Cristianismo, acabou por restringir a pluralidade das imagens divinas a um pai, o que acabou reforçando a dominação patriarcal que vigorava entre gregos e hebreus (Boff, 1994; Woolger & Woolger, 2000). Para Werba (1999) a representação da mulher como de segunda categoria ainda pode ser percebida em nosso cotidiano, sendo que essa imagem ainda é usada diariamente de forma dissimulada.

O Patriarcado gerou efeitos negativos para o feminino e para as mulheres. Segundo Neumann (2000), criou-se um círculo vicioso onde os homens limitam as mulheres a um campo estritamente feminino, impedindo-as de participar da cultura patriarcal, aceitando um

papel onde são consideradas como segundas colocadas e inferiores. Os homens justificam esta desvalorização da mulher e do feminino devido a uma suposta “inferioridade natural”. Werba (1999) traz que a transmissão cultural dessa idéia através das gerações, de que o feminino representa o mal, e o masculino o bem, é uma das garantias de manutenção do Patriarcado.

Campbell (1993) traça um paralelo entre a mulher e a natureza, trazendo que a terra dá origem às plantas, da mesma forma como a mulher dá à luz, a terra alimenta as plantas, da mesma forma como faz a mãe, concluindo que a magia da terra e a magia da mãe são a mesma coisa. A relação entre a mulher e a natureza e os motivos pelos quais ambas são consideradas inferiores, não pode ser tratado como assunto do passado, pois parece continuar a ser razão da degradação do meio ambiente e das atividades das mulheres (Di Ciommo, 1999).

Atualmente é possível perceber essa carência da dimensão feminina na vida espiritual e psicológica da humanidade, que acabou perdendo o sentimento de pertencer à Terra e aos seus ciclos, além de sua ligação interior com o poder conhecido como a “Grande Mãe de todos nós” (Starhawk, 2003).

James Lovelock é o principal divulgador da teoria de Gaia, em que a Terra seria um organismo vivo e de que todas as forças vivas seriam interligadas e interdependentes. Essa teoria inicialmente gerou muita polêmica no meio acadêmico, porém vem sendo cada vez mais adotada e pesquisada (Di Ciommo, 1999), apoiando as teorias e culturas pagãs que já apresentavam isso desde as civilizações antigas.

Esta questão também é trazida pelo ecofeminismo e pela ecoteologia, que trazem a importância do cuidado com o planeta, com a natureza e nossa conexão com ela, bem como nossa dependência para sobreviver. Esta maneira diferente de falar de divindade, através da conexão e da dependência dos seres humanos com a natureza, leva a uma restauração de

culturas antigas, indígenas, africanas, e conseqüentemente de culturas pagãs também (Troch, 2009).

Ruether (2009) traz que os ecologistas profundos⁴ insistem que não é suficiente analisar somente a devastação do planeta, e sim, examinar os padrões simbólicos, psicológicos e culturais que fizeram os seres humanos se distanciarem da natureza, perceberem-se como seres não pertencentes a ela e reivindicando seu poder e domínio para com ela. Para a autora, a dominação das mulheres e da natureza ocorre primeiro em nível simbólico-cultural como pode ser observado quando as mulheres foram definidas na sociedade patriarcal como “mais próximas da natureza”. As mulheres também sempre são identificadas com “o corpo, a terra, o sexo, a carne na sua mortalidade, fraqueza e propensão ao pecado” enquanto a identificação masculina se faz com o espírito, a mente e o poder sobre as mulheres e a natureza (p. 11).

Charlene Spretnak (1991) apud Aguilá Z (2009, p. 67) traz que é necessário recuperar as instituições centrais “das grandes tradições de sabedoria (budismo, espiritualidade dos povos nativos americanos, a espiritualidade da Deusa, a tradição semítica)”, e que devemos refazer a conexão com os núcleos essenciais destas tradições, para podermos enfrentar os fracassos da modernidade e transitarmos na direção de um novo paradigma.

Só através de uma harmonização dos princípios feminino e masculino, no pensamento, na cultura e na natureza, seria possível uma mudança cultural que é necessária para uma vida ecologicamente saudável (Di Ciommo, 1999). No Brasil ainda existem poucos estudos sobre o Paganismo, sendo que os poucos encontrados são da área da Antropologia e da História. Diferentemente dos Estados Unidos, que possuem uma riqueza bibliográfica nesse tema, nas mais diversas áreas do conhecimento.

⁴ De acordo com Goldim (1999), a ecologia profunda foi uma teoria proposta pelo filósofo norueguês Arne Naess em 1973 como resposta a visão dominante da sociedade sobre o uso dos recursos.

Método

Na pesquisa aqui apresentada, foi utilizada uma abordagem qualitativa de cunho exploratório, que busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre, dessa forma permitindo observar, simultaneamente, vários elementos em um pequeno grupo e propiciar um conhecimento mais aprofundado de um determinado evento ou comportamentos observados (Víctora, Knauth e Hassen, 2000). Esse tipo de pesquisa leva a uma investigação baseada nos dados sociais, que são edificados através de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, se fazendo pertinente à investigação de significados, sentimentos, pensamentos, crenças e valores que ocorrem acerca do processo de significação de fenômenos complexos (Minayo, 2000).

Flick (2004) relata que em uma sociedade com idéias pós-modernas, existe uma pluralização de ambientes, culturas, estilos e formas de vida, o que faz com que os (as) psicólogos (as) sociais acabem se defrontando mais com novos contextos e novas perspectivas sociais. Desta forma, possuem uma grande importância para a Psicologia e principalmente para a Psicologia social, todas as pesquisas que tenham relevância para a vida cotidiana e que possam contribuir no conhecimento de temas contemporâneos.

Para a realização da pesquisa, após a aprovação do Comitê de Ética da PUCRS (Anexo A), foram realizadas quatro observações de edições do “Encontro Social Pagão®” entre Março e Julho do ano de 2010. Também foram entrevistados três homens e três mulheres, com idades entre 24 e 60 anos, que residem em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Um desses homens é um alto-sacerdote pagão de um coven de Porto Alegre. Na Tabela 1 podem ser observados dados sobre os participantes. Os (as) participantes foram selecionados (as) a partir de uma amostra por conveniência, sendo que no primeiro encontro do grupo, a pesquisadora expôs o trabalho que estaria sendo realizado e perguntou aos participantes se

havia interesse de auxiliarem no trabalho. Dez pessoas demonstraram interesse inicial, mas algumas acabaram mudando de idéia e desistindo de participar no decorrer da pesquisa, desta forma a pesquisa acabou sendo realizada com seis participantes.

Tabela 1

Dados dos Entrevistados

Nome Fictício	Idade	Profissão
Angus	27	Técnico em Informática
Brigit	29	Terapeuta Holística
Dylan	24	Alto-sacerdote do Coven – Terapeuta holístico
Eliane	27	Historiadora
Erin	60	Aposentada (Profª Português e Francês)
Odin	27	Programador

Para May (2001), a observação participante é um processo no qual a pesquisadora irá estabelecer um relacionamento multilateral com pessoas na sua situação natural, tendo o propósito de desenvolver uma compreensão científica do grupo. Desta forma, a observadora faz parte do contexto de observação, modificando e sendo modificada, ao mesmo tempo, por esse contexto.

A observação participante se apresenta como um ótimo método de pesquisa no campo religioso, pois propicia uma melhor inserção nas práticas e representações que são vivenciadas pelas pessoas durante as expressões religiosas. Essa forma de observação permitiu à pesquisadora uma maior proximidade e compreensão dos rituais e das vivências dos (as) participantes, devido às incursões constantes durante as experiências com o sagrado (Proença, 2007).

As entrevistas realizadas foram do tipo semi-estruturado, escolhido por possuir um guia de questões que podem ser livremente respondidas pelos (as) entrevistados (as), partindo de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. A entrevista semi-estruturada permitiu à pesquisadora decidir o momento apropriado para fazer cada uma das perguntas, a ordem de fazê-las e também a possibilidade de não as fazer, se elas já tivessem sido respondidas previamente. A pesquisadora também teve a oportunidade de se aprofundar em algumas questões, a partir de novas hipóteses que foram surgindo ao longo das entrevistas, fazendo perguntas subseqüentes, deixando os (as) entrevistados (as) livres e abertos (as) a detalhar mais suas respostas (Flick, 2004; Triviños, 1987). Segundo Thiollent (1982), a entrevista semi-estruturada, por ter questões abertas possibilita uma maior “profundidade”, ou seja, existe uma captação maior de caráter afetivo que cognitivo.

Para a análise dos dados, foi utilizado o material proveniente das observações e das entrevistas individuais, que foram previamente gravadas e transcritas, de acordo com a concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B). A opção para a análise dos dados foi a Análise de Discurso de Orlandi, que leva em conta a pessoa na sua história, considerando os processos e as condições de produção da linguagem, através da análise da relação que é estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e com as situações em que se produzem o dizer. Desta forma, encontrando as regularidades da linguagem em sua produção, o (a) analista do discurso acaba relacionando a linguagem à sua exterioridade (Orlandi, 2007).

A técnica de análise de discurso se encaixa com a temática da pesquisa, que por envolver religião e espiritualidade, abrange processos profundos dos seres humanos, e através dela é possível refletir sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e também como a ideologia se manifesta na língua (Orlandi, 2007).

A análise de discurso busca explicar os caminhos da criação dos significados, tornando explícitos os mecanismos implícitos de interpretação e estruturação de textos. Assim, é possível articular o modo de organização textual, considerando não só o espaço do sujeito, como o momento de sua enunciação e a sua história (Gill, 2002; Sitya, 1995).

Para Orlandi (1996, 1999), a análise de discurso não se restringe à análise dos significados, procura também o intertexto que atravessa a produção textual, demonstrando como os objetos simbólicos acabam produzindo sentido, ou seja, as formações ideológicas regem os processos de significação. Através da análise de discurso das entrevistas realizadas e da observação-participante, é possível compreender e perceber os modos de subjetivação, modos de viver na sociedade e modos de se perceber como seguidores de espiritualidade matriarcal/matrifocal.

Resultados e discussão

O corpo da pesquisa consiste das observações realizadas durante edições do “Encontro Social Pagão®” e nas entrevistas semi-estruturadas realizadas com participantes do grupo e seguidores do Paganismo. Utilizando a análise de discurso é possível compreender a língua fazendo sentido, percebendo a linguagem como mediadora entre o ser humano e a realidade natural e social, compreendendo a forma como uma experiência é contada, ou seja, entendendo porque algo foi dito de certa forma, indo além do conteúdo lingüístico. Dessa forma, nas entrevistas realizadas, onde os (as) participantes relatam sua vivência como sujeitos pagãos, foi possível perceber como deram sentido aos acontecimentos e ações de sua vida, bem como, quais são os recursos lingüísticos e culturais que eles utilizam, entre outros aspectos. (Orlandi 1999).

As questões escolhidas para a entrevista eram relacionadas com o Paganismo e sua relação com a vida dos (as) participantes, como se iniciaram nesta religião, como percebem o Paganismo, como é a vida como pagão, entre outras. Alguns (as) participantes foram bastante sucintos (as), não possibilitando um maior aprofundamento em sua vida como praticante do Paganismo, enquanto outros pareciam em êxtase ao contar sua trajetória pela religião.

Inicialmente apresentamos relato sobre as observações realizadas durante quatro edições do “Encontro Social Pagão®”, entre Março e Julho do ano de 2010. Os encontros do grupo acontecem desde 2004, mensalmente no Parque Farroupilha (Porto Alegre/RS). O objetivo do grupo é tornar público o Paganismo, através de palestras, dinâmicas e discussões acerca de diferentes temas ligados ao Paganismo e à contemporaneidade. Os encontros se organizam sempre com o mesmo formato, os (as) participantes se encontram no Arco do Parque Farroupilha, e na hora marcada para o encontro, um (a) representante da organização leva os (as) participantes ao local escolhido, que varia, de acordo com o movimento no Parque.

Os (as) participantes levam cangas ou toalhas para sentar no chão, e formam um círculo. Os (as) organizadores (as) iniciam se apresentando e pedindo que todos (as) se apresentem e falem um pouco sobre sua história com o Paganismo. Nesse momento é possível observar as diferentes crenças dos (as) participantes, alguns se nomeiam pagãos, outros (as) wiccanos, enquanto outros (as) estão apenas começando a conhecer a religião. Durante esse momento, também é possível perceber em alguns (as) novos (as) participantes um sentimento de pertença muito grande, eles (as) trazem na fala o sentimento de sempre terem sido excluídos (as) e de finalmente terem encontrado pessoas que pensam como eles (as). Após a realização das apresentações, o (a) palestrante do evento é chamado (a) e tem início a palestra. Durante as observações realizadas nos cinco encontros, tivemos a oportunidade de assistir as seguintes palestras: “Vivências com a Mãe Terra: Sentindo o coração de nossa Mãe

primordial, resgatando nossas raízes”; “Reconhecendo e respeitando a soberania da Terra”; “A Magia das Velas”; “A Feitiçaria na Arte”; “Apresentação e Vivência: A arte da biodança no Paganismo”; “Criando nosso dia-a-dia com o Povo Miúdo: magia, força, respeito e poder”; “O Culto Diário de Uma Bruxa: exercendo o sacerdócio a cada momento de poder”; e “Confeção de Banhos Mágicos”. Todas as palestras são dadas por voluntários (as) que se dispõem a dividir seu conhecimento sobre determinado assunto com os outros membros do grupo. Os encontros têm um número médio de dezenove participantes, de diferentes sexos e idades, sendo que a maioria participa de todos os encontros. Após as palestras é plantada uma muda de árvore, e ocorre o recolhimento de notas fiscais que serão doadas a uma instituição de caridade. Também é pedido os (as) participantes que levem algo para comer, pois ao final do encontro é realizado um grande banquete com todos (as).

Durante os encontros foi possível observar a proximidade entre todos (as), o que se deve, possivelmente, ao fato de a maioria já se conhecer. O (a) responsável por iniciar o encontro e apresentar o (a) palestrante varia, sendo às vezes o sacerdote do coven⁵ responsável pela organização do encontro, e outras vezes membros do coven. Existe um clima bastante informal durante as palestras, e os (as) participantes fazem perguntas e tiram dúvidas no decorrer da fala do (a) palestrante. Algumas das palestras são mais educativas e os (as) participantes tiram dúvidas sobre determinado ritual. Enquanto que outras são palestras mais teóricas, e é possível aprender sobre o Paganismo através dos séculos, e sobre o culto aos Deuses e Deusas.

Nas entrevistas, a questão inicial “como conheceu o Paganismo”, alguns participantes relataram que possuíam um interesse inicial em questões esotéricas, astrologia e mitologia e que acabaram se deparando posteriormente com o Paganismo. Porém foi percebido que a maioria dos (as) entrevistados (as) acabou não concordando com preceitos de outras religiões

⁵ Coven é um grupo de bruxas e bruxos que se reúnem com o objetivo de louvar a Deusa e o Deus e para a realização de rituais, jurando fidelidade ao grupo (Osório, 2001).

que lhes foram apresentadas previamente e acabaram chegando ao Paganismo. Os relatos abaixo, descrevem a chegada dos (as) participantes a esta religião, e podemos perceber como isto ocorreu, os nomes dos (as) participantes foram trocados para garantir o seu anonimato:

Foi após ter uma desilusão com a Igreja Católica, eu era cristão praticante, mas eu tive a desilusão porque eu vi que eles não praticavam inteiramente aquilo que eles pregavam, então, dá pra se dizer que eu sofri um certo pré-conceito por pensar e agir diferente deles, e eu julguei que se essa era a verdadeira idéia da Igreja Católica então isso não era uma religião pra mim aí eu comecei a procurar espiritualidades alternativas e primeiramente eu me deparei com a Wicca e hoje, hoje eu sou praticante de Bruxaria, Bruxaria Moderna (Angus).

Eu sempre fui, por assim dizer, entre aspas, católico, mas não praticante e os meus conceitos nunca fecharam direito com a religião cristã, com a religião católica (Odin).

Apenas uma entrevistada possui um histórico familiar com o Paganismo. Seu bisavô possuía um coven já estruturado, que acabou sendo herdado por ela. Em outras pesquisas realizadas foram encontrados poucos registros de pessoas que fazem parte de uma família pagã/bruxa, a maioria das pessoas que se tornam pagãs acabam vindo de outras religiões, ou não possuem religião nenhuma anteriormente.

Em relação a como foi a “chegada” ao Paganismo, e sua visão de uma Deusa Mãe, que é contrastante com o que ainda temos na sociedade patriarcal, os (as) participantes relataram diferentes experiências, mas em sua maioria, pode ser percebido um “choque inicial” comum:

Foi um choque de informações gigantesco [...] eu passei muitos anos estudando e cultuando uma religião que era o Deus Pai o Todo Poderoso e de repente eu me vi estudando e me interessando cada vez mais por uma religião em que não era só mais o Deus Pai, mas tinha também a Deusa Mãe e. que existia em conjunto, um não existia

sem o outro se há um Pai tem que haver uma Mãe e vice e versa. foi uma. digamos assim, uma quebra de conceito deveras interessante (Angus).

Quando tu começa a estudar [...] tu tem uma mudança de postura, e uma mudança de mentalidade, então isso é o primeiro passo (Elaine).

Essa mudança de paradigma proposta pelo Paganismo apesar de chocar inicialmente quem estuda essa religião, se apresenta como uma nova forma de perceber o mundo e os seres humanos. Como trazido por um dos entrevistados:

Quando eu comecei a praticar essa outra visão completamente diferente do que a gente vive hoje, e do que a sociedade toda é, essa questão patriarcal, é uma baita quebra de conceitos, só que eu gostei disso, pra minha pessoa não foi um choque eu fui bem receptivo, e isso me fez bem, e quanto mais eu começava a praticar e estudar, melhor eu me sentia, eu vi que isso era a espiritualidade que eu queria seguir e cada dia mais me faz melhor isso me fez evoluir muito (Odin).

Como Araújo (2007) relatou em sua pesquisa, o Paganismo se caracteriza por enfatizar o caráter feminino da divindade, e não o masculino, porém isso não significa que ele deixa de existir, o que ocorre é que a Deusa possuiu um papel mais importante, pelo fato de ser vista como mãe, criadora de tudo e de todos, desta forma o papel masculino é colocado às vezes em segundo lugar. Podemos perceber no relato dado abaixo pelo entrevistado que possui um grande conhecimento da religião, já que é um alto sacerdote do coven a que pertence. Ele explica melhor como percebe e como ensina aos outros praticantes a visão da Deusa e do feminino dentro do Paganismo:

Nós costumamos dizer que o Universo é o corpo da Deusa e tudo aquilo que existe faz parte deste corpo, não somente as árvores ou a terra, ou os planetas, mas nós mesmos, os nossos pensamentos, os nossos sentimentos, a arte, a música, a dança, o ritmo, em todos os níveis que você possa imaginar [...] nós chamamos de Religião da Deusa,

aquilo que a arqueóloga Marija Gimbutas descobriu que possivelmente existiu na região da Velha Europa, no final do período Paleolítico, uma cultura de paz, orientada para a Deusa, [...], não se consistia de uma cultura patriarcal, e sim uma cultura matrifocal, aonde tendo a mãe como foco, homens e mulheres, apesar de diferentes em gênero, eram iguais em importância, e tinham como senso de unidade, essa figura da Deusa Mãe, da maternidade, exatamente do corpo da Deusa, se voltavam para essa imagem porque eles percebiam a Natureza (Dylan).

É possível perceber que apesar de a Deusa Mãe ser o foco, isso não significa que não exista um Deus Pai, que atua juntamente com a Deusa. Essa afirmação também pode ser encontrada na pesquisa de Araújo (2007), que demonstrou que a principal deidade das bruxas é a Deusa, uma deidade da natureza que é percebida como uma Deusa da Terra, da Lua e da fertilidade. Enquanto que algumas bruxas mais feministas cultuam somente a Deusa como sua deidade, a maioria delas também cultua o Deus Cornífero⁶, seu consorte. Para essas bruxas, como para a entrevistada abaixo, existe o princípio da dualidade, o culto do Deus e da Deusa, pois o cosmos se divide em duplas: masculino e feminino, luz e trevas, negativo e positivo. E é a união sexual da Deusa e do Deus que representa esse princípio de unificação.

A questão de Deusa e de Deus é uma questão de equilíbrio, essa é uma das palavras-chaves que eu diria do Paganismo [...] tu tem aí o equilíbrio do masculino e do feminino, que são as energias que interagem juntas. No Paganismo nós falamos daquela coisa dual, do Deus e da Deusa, também tem a crença, alguns têm a crença que se chama o “Uno”, é uma energia que não tem sexo, e essa energia se bipolarizou

⁶ Deus Cornífero é um termo moderno que foi criado para descrever numerosas divindades masculinas, algumas dessas divindades são: o celta Cernunnos, o gaélico Caerwiden, o inglês Herne, o Caçador, o hindu Pashupati, os gregos Pan e sátiros, o nórdico Odin. A imagem mais antiga conhecida do Deus Cornífero é a do Deus com chifres de cervo ou alce, o Senhor das Florestas. Para um praticante do Paganismo, o Deus Cornífero é o filho e o consorte da Deusa Mãe. Durante a Idade Média, a imagem do Deus Cornífero foi demonificada pelo Cristianismo (Osório, 2001; Quintino, 2000).

dando origem ao Deus e a Deusa [...] como é a mulher que dá a luz, é muito mais fácil tu ver a mulher originando outros seres do que o homem (Elaine).

Nas entrevistas, assim como na teoria, é possível perceber uma confusão entre alguns termos utilizados, que para algumas pessoas possuem um significado e para outras, possuem outro significado. Na pesquisa realizada por Araújo (2007), também podemos observar esta confusão, que cada participante tem uma visão da sua espiritualidade/religião, apesar de a maioria a nomear da mesma forma. Também na literatura existe uma controvérsia sobre os termos Paganismo e Bruxaria, que da mesma forma, foi percebida entre os participantes. Essa confusão de como nomear o Paganismo (religião, filosofia ou espiritualidade) é discutida por Magnani (1999), que relata ocorrer por vezes a utilização dessas palavras como sinônimos, e o autor traz essa diferenciação entre alguns desses termos: religião é um sistema institucionalizado de crenças e rituais que fica a cargo de um corpo de especialistas; religiosidade é um estilo particular e coletivo de expressar o sentimento religioso; e espiritualidade é a experiência pessoal que se expressa em formas peculiares individualizadas. Eliade (1989) lamenta a não existência de uma outra palavra mais precisa do que ‘religião’ para designar a experiência com o sagrado, pois esse termo tem uma história culturalmente bastante limitada. Para o autor não é possível de aplica-lá ao Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, ou ao Hinduísmo e Budismo, bem como aos povos chamados primitivos. O autor relata que é tarde para procurar outra palavra, sendo que ‘religião’ ainda é um termo útil, desde que não seja esquecido que ela não implica necessariamente a crença em Deus ou deuses, e sim que ela se refere à experiência do sagrado e acaba se relacionando com as ideias de “ser, sentido e verdade”. É possível perceber pelos relatos abaixo, que os (as) participantes possuem diferentes visões do Paganismo:

O Paganismo, ou Neo-Paganismo [...] é uma cultura em geral porque lida com vários aspectos não só com espiritualidade, também é um modo de vida, é uma espiritualidade

e é uma cultura. E a Wicca, ela é uma religião específica [...] nós como pagãos, como wiccanos, vemos e entendemos a nossa prática como uma religião que [...] ela tem dogmas de certa forma (Elaine).

Religião no fato [...] de a gente ter um culto - a gente vê isso como religião pelo fato dela ter essa fundamentação, mais espiritualidade [...] eu observo isso, e isso eu vejo refletido e nos meus atos, no meu dia-a-dia assim como a própria crença de que tudo é uma manifestação da Deus [...], começar a ter essa perspectiva maior, com relação a manifestações. Eu enxergo como espiritualidade e que nós praticamos uma religião que é vinculada a espiritualidade (Odin).

Para Magnani (1999) o meio esotérico, independente da presença e influência de religiões, não se constitui como um sistema religioso por assim dizer, pois falta a centralidade de um conjunto de dogmas, a autoridade de uma hierarquia bem como o arcabouço litúrgico dos rituais. Porém o relato de um dos entrevistados traz um ponto de vista diferente:

[...] ao contrário das religiões institucionalizadas, a Bruxaria, e até mesmo o Paganismo como um todo, apesar de terem dogmas, elas não são dogmáticas, existe uma diferença entre dogmatismo e possuir dogmas, porque dogmas na verdade são verdades, por exemplo, o que é um dogma da Bruxaria, é o nosso calendário litúrgico, ele é um dogma, é uma coisa que caracteriza a Bruxaria, mas ela não é dogmática, ela não é o tipo de religião que fala que, se você não seguir a Bruxaria você vai ser punido (Dylan).

Com o relato acima juntamente com os relatos anteriores, é possível observar porque ocorre essa confusão de termos, alguns (as) entrevistados (as) percebem o Paganismo como uma forma de espiritualidade mais livre, enquanto utilizam o termo “religião” para algo mais estático e imutável, algo que está mais fixo e rígido, sem a possibilidade de mudanças.

Magnani (1999) traz ainda que a espiritualidade e a religiosidade estão presentes no circuito neo-esotérico, pois a primeira é uma constante nas práticas neo-esotéricas, e a segunda supõe uma manifestação coletiva e exteriorizada de diferentes formas que é compartilhada pelo grupo.

De modo geral, todos (as) participantes relataram algum tipo de experiência com o preconceito por terem “escolhido” este caminho espiritual, seja da família ou de amigos:

Eu comecei a sofrer muita pressão, e fui discriminado dentro da minha família e ainda sou, hoje eu não tenho mais relações com a minha família paterna por causa da minha opção religiosa [...] pra minha própria sobrevivência, me afastei deles, falo só quando é preciso [...] mas a minha família paterna, apesar de muitas vezes na camufla terem ligado pra mim jogar tarô e coisas do gênero[...] com relação ao preconceito, ele existe, mas ao mesmo tempo ele vem sempre acompanhado de interesse, as pessoas tem um encanto camuflado pelo Paganismo e pela bruxaria, algo que ecoa, algo que eles vêem e acham interessante (Dylan).

O preconceito que é relatado pelos (as) entrevistados ainda pode ser claramente percebido na sociedade. Ainda hoje na mídia a bruxaria é usada para demonstrar algo ruim, ou maléfico, como também é a visão da bruxa, de uma mulher má, sem escrúpulos, que faz feitiços e maldades para os outros. Como relatado por Araújo (2001), atualmente essa visão da bruxaria está mudando na mídia, com filmes como *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*. Porém em sua maioria essa nova face da bruxaria, amigável e boa, é demonstrada com figuras masculinas, ficando ao cargo das figuras femininas o papel da bruxa má. Sobre o preconceito que sofrem os (as) entrevistados (as) relataram diferentes experiências:

Na família, e isso não é visto com bons olhos, no meio dos amigos ultimamente, eu tô representando uma ameaça, alguém que pode fazer mal (Erin).

Eu já perdi o emprego por causa da minha religião, não era uma coisa que era bem vista aos olhos do meu (Odin).

Até mesmo colegas do curso de liderança juvenil da Igreja Católica, atualmente a gente nem se olha na cara, então é mais uma prova da minha teoria da discriminação por eu pensar e agir diferente deles (Angus).

Amigos eu me afastei de alguns, porque a maioria eram tudo católicos e alguns crentes também que acabaram se afastando de mim (Brigit).

Além do preconceito, que ocorre principalmente devido ao desconhecimento em relação ao Paganismo, uma das participantes relatou ser alvo de “piadinhas” entre familiares:

Na minha família tem muita piadinha [...] principalmente na questão das vassouras, “vai varrer ou vai voar” [...] “onde é que tu estacionou a tua vassoura”(Elaine).

A bruxaria moderna segundo Russel (1993, apud Araújo, 2007), é uma variedade de Paganismo, sendo que a maioria das bruxas modernas cultua deidades pagãs, mas nem todos pagãos são bruxos. Durante a pesquisa, foi possível perceber que até os teóricos divergem sobre essa questão. Essa confusão sobre a nomenclatura foi relatada por alguns (as) entrevistados (as), porém todos têm a mesma visão de que todo bruxo é pagão, mas nem todo pagão é bruxo:

As pessoas confundem muito os termos, Paganismo não é Wicca, a Wicca é uma religião Pagã na verdade os autores até confundem tu já deve ter pesquisado, há uma confusão de termos grave (Dylan).

Bruxaria é uma ramificação do Paganismo, nem todo pagão é bruxo, mas todo bruxo é pagão. Pagão pelo fato de cultuarmos a terra, a natureza, seus ciclos, e bruxo por questão justamente desta ramificação do Paganismo que cultua isso [...] tem que explicar que o Paganismo seria uma grande árvore, e os galhos são ramificações (Odin).

Através das leituras e das entrevistas foi possível perceber que os pagãos vivem a vida de acordo com suas crenças no Paganismo, é uma religião/espiritualidade/cultura que faz parte de sua vida diária, seja através de rituais mais complexos realizados em grupo, ou através de pequenas ações comuns ao dia-a-dia de todos seres humanos. Nos relatos abaixo podemos perceber como é importante essa religião na vida dos seus seguidores:

Olha, se não fosse essa minha espiritualidade, das duas uma, ou eu tinha me suicidado, ou eu tinha pirado (Erin).

Para mim a minha vida ela é espiritual, na verdade todas elas são [...] só que as pessoas não percebem isso [...]no Paganismo nós não vemos a alma encarnada no corpo, nós vemos o corpo dentro do espírito. É uma visão radicalmente diferente, o corpo é uma manifestação do espírito, é o espírito, logo então, a vida inteira é espiritual [...] pra mim o dia-a-dia é espiritual, tudo é espiritual, não vejo isso separado só que existem momentos de conexão mais profunda (Dylan).

Por perceberem sua espiritualidade tão importante e parte de sua vida, fica fácil de compreender quando os (as) entrevistados (as) relataram terem facilidade em conciliar a prática de rituais com suas rotinas diárias:

Na manhã eu tenho um ritualzinho, tenho um altarzinho, no meu quarto[...] e é simples, eu faço o círculo mágico de proteção e o pentagrama (Erin).

Eu vivo o meu dia-a-dia espiritualmente, eu não tenho como te dizer em que momento do dia ele deixa de ser espiritual, o dia inteiro, dentro ou fora de casa ele é espiritual, isso que eu estou fazendo, é espiritual, todos os trabalhos são espirituais, namorar, dançar, cozinhar porque pra nós cozinhar é mexer com a própria metamorfose a panela é o ventre da Deusa, então cozinhar é viver a espiritualidade, se banhar, se purificar é viver a espiritualidade (Dylan).

Atualmente, a internet funciona como meio de divulgação e troca no universo pagão, desde a confirmação de encontros a serem realizados, até a troca de receitas e feitiços, bem como a troca de informações e discussão de questionamentos importantes para a religião. Através da internet, uma entrevistada relata divulgar o Paganismo, tirando dúvidas de interessados na religião:

Eu tenho um blog na internet [...] pra esclarecer pras pessoas o que é a Wicca [...] porque eu pensei assim, a maioria dos blogs, dos sites que nós temos hoje, fala sobre instrumentos mágicos, fala como tu te torna bruxa [...] e a minha idéia era mais [...] pra um público, pra questão de informar [...] diminuir o preconceito [...] de certa forma, tu vira uma ativista nesse ponto (Elaine).

Os (as) entrevistados (as) também demonstraram achar importante a “divulgação” do Paganismo, não para angariar novos seguidores, e sim para diminuir o preconceito existente e fazer com que as pessoas conheçam melhor essa religião. Como mencionado pelo entrevistado abaixo:

Penso que se todas as bruxas e bruxos fizessem algo para tornar mais visível a Bruxaria, não para escancarar ou para banalizar, muito pelo contrário, mas para desmistificar, as coisas estariam melhores, o mundo nos veria de uma forma mais clara [...] é muito gostoso tu levar ao público e as pessoas que estão interessadas, o que é a Deusa, o que é a Bruxaria, como reencontrar o masculino e o feminino numa Religião da Deusa (Dylan).

A gente acredita aqui no coven, que o sacerdócio, ele está diretamente ligado a atividades públicas, a comunidade [...] nessa questão de trabalhos públicos e voluntariados, a gente não faz proselitismo, a gente não vai bater na porta das pessoas, nós temos o Encontro Social Pagão as pessoas de mesmo interesse freqüentam, e a gente tenta sempre manter agregar pessoas de valor comum, o Dia do Orgulho Pagão

também, que reúne vários praticantes e curiosos, e também o trabalho voluntário para fazer alguma diferença, seja no meio ambiente, seja fazendo doações para alguma instituição - tudo que a gente puder fazer de forma respeitosa e sem agredir ninguém para trazer o Paganismo Bruxaria, tirar esse véu de fantasia a gente faz com muito orgulho (Odin).

A partir da análise do discurso dos (as) participantes, foi possível perceber que, apesar de terem chegado ao Paganismo através de diferentes experiências e por vezes terem visões diferentes acerca de alguns assuntos relacionados a religião, os (as) seguidores do Paganismo e cultuadores da Deusa têm em comum os mesmos preceitos e a mesma forma de perceber a vida e as conexões que existem entre os seres, os Deuses e a Terra. Também foi possível perceber que cada participante tem seu caminho dentro do Paganismo e esse caminho faz parte de sua vida. Apesar dos preconceitos que ainda sofrem, podemos ver que através de palestras e encontros, o Paganismo está “saindo do armário” e se tornando cada vez mais uma religião conhecida e preparada para o futuro.

Considerações Finais

Com a realização das observações dos encontros do ESP® foi possível termos uma noção maior das práticas realizadas pelos pagãos de Porto Alegre, de como se comportam como um grupo que ao mesmo tempo tem o objetivo de ensinar e acolher pessoas em busca de conhecimento e espiritualidade. Nos encontros do grupo foi possível enxergar a relação de amizade entre os membros, a aceitação e a busca por realização não somente individual, mas do grupo como um todo. Percebemos que os pagãos possuem uma ligação profunda com a Terra, que para eles é o corpo da Deusa. E que buscam acima de tudo estar em conexão com

esse ser vivo, que faz parte de nós, e ao mesmo tempo afeta e é afetado por todos os seres humanos.

Por meio dos relatos trazidos pelos (as) entrevistados (as) foi possível conhecer como os pagãos modernos pensam, como percebem sua própria religião e como lidam com a sociedade contemporânea que é, ainda, patriarcal. Também foi possível perceber a importância do Paganismo na vida desses praticantes e como eles se sentiram confortáveis nessa religião, apesar do choque inicial pelo contato com a Deusa relatado por alguns (as) entrevistados (as).

Podemos perceber que o Paganismo, como também sua faceta mais conhecida a Wicca, contribuem para uma nova construção da identidade feminina, e também da masculina. Quando estamos abertos para novas possibilidades que não as que estão enraizadas em nossa cultura, podemos aprender e desnaturalizar conceitos e pré-conceitos estabelecidos por povos muito anteriores a nós, e que ainda são percebidos como verdades absolutas.

Através de um maior conhecimento acerca de questões do Paganismo, da “religião da Deusa”, do ecofeminismo, será possível quebrar barreiras e apresentar para a sociedade em geral essa forma de espiritualidade que não só dá um empoderamento as mulheres, como também para os homens, ao se perceberem como seguidores de uma religião onde existe uma dualidade divina e que tanto mulheres quanto homens podem se espelhar em uma Deusa/Deus e se perceberem como seres que fazem parte do divino, que fazem parte de um todo junto com o universo. Somente assim, será possível uma mudança cultural e social que levará o planeta a uma vida saudável ecologicamente e psicologicamente (Boff, 1994; Carvalho et al., 2003; Di Ciommo, 1999).

Como relatado por Gebara (2009, p. 25) “a interconexão entre todos os aspectos da vida humana, inclusive nossas crenças, está na base da construção desse novo tecido de relações, comportamentos e significações”. Assim, gerando uma nova forma de compreender

o mundo e o ser humano que acaba se distanciando das concepções tradicionais e se aproximando das tradições antigas e conseqüentemente, da natureza.

Referências

- Aguila Z, Elena (2009). Ecofeminismo e pós-modernidade. *Mandrágora*, 6, (6), 65-68.
- Araújo, Susana de A (2007). Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre. *Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRGS.
- Barner-Berry, Carol (2005). *Contemporary paganism: minority religions in a majoritarian America*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- Brigante, Lugus D. (2007). *Espiritualidade matrifocal* [online]. Disponível em <<http://www.paganismo.org/artigos/lugus-dagda-brigante/espiritualidade-matrifocal.htm>>, acesso em 10 de ago, 2009.
- Boff, Leonardo (1994). *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática.
- Campbell, Joseph (1993). *O poder do mito*. São Paulo: Palas Atenas.
- Carvalho, Cláudia L; Cursino, Helen M.; Fonseca, Mariani da S.; Penna, Christina M.C. (2003) Ecologia: o retorno à Grande Mãe [online]. *2ª Jornada de Psicologia Junguiana de Bauru e Região & 7ª Mostra de Pesquisa do Curso de Técnicas Terapêuticas Junguianas* (pp. 36-66). Bauru: Livromed
- Colling, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In Strey, Marlene N.; Cabeda, Sonia T.L.; Prehn, Denise R. *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS
- Davis, Philip G. (1998). *Goddess unmasked: the rise of neopagan feminist spirituality*. Texas: Spence Publishing Company.

- Di Ciommo, Regina C. (1999). *Ecofeminismo e educação ambiental*. São Paulo: Editora Cone Sul e UNIUBE.
- Flick, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2a ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Gebara, Ivone (2009). Epistemologia Ecofeminista. *Mandrágora*, 6, (6), 18-27.
- Gerndt, Rebecca P. (2008). Resgatando as raízes pagãs. *IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul* (pp. 2-16). Guarapuava.
- Gill, Rosalind (2002). Análise de discurso. In Martin W. Bauer, & George Gaskel (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Goldenberg, Naomi (1973). *Changing of the Gods: feminism and the end of traditional religions*. Boston: Beacon Press.
- Goldim, José R. (1999). *Ecologia Profunda* [online]. Disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/ecoprof.htm>, acesso em 20 de set, 2010.
- Higginbotham, Joyce & River (2003). *Paganismo: uma introdução da religião centrada na Terra*. São Paulo: Madras.
- Husain, Shahrukh (2001). *Divindades femininas: criação, fertilidade e abundância, a supremacia da mulher, mitos e arquétipos*. Singapore: Dunca Baird Publishers.
- Jones, Prudence; Pennick, Nigel (1995). *A history of pagan Europe*. London: Routledge.
- Magnani, José Guilherme C. (1999). *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. São Paulo: Studio Nobel.
- May, Tim (2001). *Pesquisa Social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, Maria C. de S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7 ed. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO.
- Neumann, Erich (2000). *O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. São Paulo: Paulus.

- Neumann, Erich (2006). *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina no inconsciente*. 5ª Ed. São Paulo: Cultrix.
- Orlandi, P. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2007). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7ª ed. Campinas, SP: Fontes.
- Ortner, Sherry B. (1974). Is female to male as nature is to culture? In: Rosaldo, Michelle Z.; Lamphere; Louise (Eds), *Woman, culture and society*. California: Stanford University Press.
- Osório, Andréa B. (2001). *Mulheres e Deusas: um estudo antropológico sobre bruxaria Wicca e identidade feminina*. *Tese de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ/PPGSA.
- Proença, Wander de L. (2007) *O método da observação participante: contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro* [online]. Disponível em <http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_23.pdf>, acesso em 13 de set, 2009.
- Quintino, Claudinei C. (2000). *A religião da grande Deusa: raízes históricas e sementes filosóficas*. São Paulo: Editora Gaia.
- Ruether, Rosemary R. (1993). *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo-RS: Sinodal.
- _____ (2009). Ecofeminismo: mulheres do primeiro e terceiro mundos. *Mandrágora*, 6, (6), 11-17.
- Starhawk (2003). *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a Deusa*. Rio de Janeiro: Record-Nova Era.
- Sytia, Celestina V.M. (1995). *A linguística textual e a análise do discurso: uma abordagem interdisciplinar*. Frederico Westphalen: Ed. da URI.

- Thiollent, Michel M.J. (1982). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Editora Polis.
- Triviños, Augusto S.N. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Troch, Lieve (2009). Apresentação. *Mandrágora*, 6, (6), 5-6.
- Víctora, Ceres G., Knauth, Daniela R. & Hassen, Maria de Nazaré A. (2000). *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Werba, Graziela C. (1999). Parteiras, bruxas mulheres...articulações entre a saúde, o poder e o feminino na história. In Strey, Marlene N.; Roso, Adriane; Mattos, Flora B; Werba, Graziela C. *Gênero por escrito: saúde, identidade e trabalho*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Woolger, Jennifer B; Woolger, Roger J. (2000). *A deusa interior*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Em área tão profundamente arraigada como as relações entre os sexos, as verdadeiras mudanças sociais só podem acontecer quando os mitos e símbolos da nossa cultura foram transformados. O símbolo da Deusa fornece o poder espiritual para desafiar sistemas de opressão e para criar culturas novas, orientadas para a vida” (Starhawk, 2003, p. 45).

Após estes dois anos de leitura e pesquisa pelos caminhos da Deusa era de se imaginar que após os resultados encontrados e leituras concluídas houvesse uma sensação de trabalho concluído. Pois não é exatamente esta a sensação sentida... a cada artigo lido, novos questionamentos surgiam, que não seriam possíveis de serem respondidos ainda durante o Mestrado, a cada entrevista realizada foi sentida uma necessidade maior de aprofundar o assunto, de questionar mais, de compreender mais, de participar mais, de se envolver mais...

A Psicologia em geral, bem como a Psicologia Social, ainda têm pouco contato, ou quase nenhum, com questões que dizem respeito à alma dos seres humanos, a questionamentos vitais que todos possuímos, a nosso espírito e a nossa relação com o divino.

A temática da pesquisa, de Paganismo e “religião da Deusa”, ainda é um campo de pesquisa novo dentro da Academia, porém o número de seguidores do Paganismo aumenta a cada ano. E isso é possível de ser percebido na mídia, com reportagens e entrevistas; na internet, pelas comunidades em redes sociais, pelo número de sites e blogs sobre o assunto; e também na rua, com encontros de grupos para a realização de rituais públicos em praças e parques. Dessa forma é mais que necessário que a ciência acompanhe esses sujeitos contemporâneos e suas novas formas de subjetividade.

Apesar desse ser um tema em crescimento na sociedade, a busca por artigos científicos, pesquisa e teses sobre este tema no Brasil, gerou poucos resultados. Foram encontradas uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado e quando a pesquisa estava quase sendo concluída um trabalho de conclusão de curso, todos eles da área da Antropologia e direcionados a compreender a Wicca, uma faceta do Paganismo. Já com pesquisas em bases americanas, foram encontrados diversos artigos que relatavam desde a parte arqueológica, as religiões primitivas e pré-patriarcais, a teologia feminista, o Paganismo em si e a “religião da Deusa”. Este trabalho tem como intenção principal divulgar no meio acadêmico, não só na Psicologia, como nas outras áreas humanas, a existência desses seguidores do Paganismo em nossa sociedade contemporânea, e a necessidade de pesquisas para que possa ser gerado um conhecimento sobre esta “nova” religião que está cada vez maior atualmente.

É necessário tirar os véus que encobrem essa cultura pagã, tão rica de conhecimentos e experiências, que podem vir a contribuir para uma transformação da sociedade. Como foi relatado nos artigos, principalmente pelos (as) autores (as) ecofeministas, a espiritualidade da Deusa e sua conexão e dependência com a natureza é exatamente o tipo de nova percepção que a sociedade moderna necessita para a mudança de seus valores.

Esperamos que esta Dissertação contribua para a desmistificação do Paganismo, e do culto à Deusa, bem como para uma maior compreensão de quem são os sujeitos pagãos, como eles pensam, e como se sentem em uma sociedade que ainda os olha com preconceito. Vale ressaltar que a abertura e disponibilidade dos (as) participantes da pesquisa em explicar sua religião e seus valores pessoais contribuiu para que a pesquisa mantivesse seu foco original de mostrar quem são os pagãos modernos e o que eles pensam.

Este trabalho chega ao fim com a certeza de que é apenas o início, de que servirá como uma porta aberta para o mundo pagão e para os seus seguidores, para que estes possam ser melhor compreendidos pela sociedade da qual fazem parte. É certo também que para que esta

compreensão ocorra é necessária uma mudança na forma de pensar da sociedade, é necessária uma quebra de conceitos e valores que foram impostos pela sociedade patriarcal e que perduram até hoje, é necessário uma união entre o homens e mulheres, em uma relação sem “poder sobre”, para que dessa forma novas estruturas e formas de pensar o mundo e a vida sejam criadas.

REFERÊNCIAS

Starhawk (2003). *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a Deusa*. Rio de Janeiro: Record-Nova Era.

ANEXOS

ANEXO A

CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-134/10

Porto Alegre, 26 de janeiro de 2010.

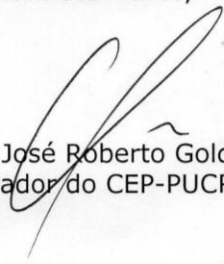
Senhora Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 09/04901 intitulado **"Gênero e religião: o culto à Deusa na contemporaneidade"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,



Prof. Dr. José Roberto Goldim
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilma. Sra.
Profa. Marlene Neves Strey
FAPSI
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezad@ participante:

Sou psicóloga, mestranda do programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão da professora Dra. Marlene Neves Strey, cujo objetivo é compreender o que leva uma pessoa a buscar uma espiritualidade. Você irá participar através da observação que irei realizar durante as reuniões do “Encontro Social Pagão®”, os encontros do grupo serão gravados com o consentimento de todos participantes. Posteriormente alguns participantes serão selecionados para realizaram uma entrevista. Sua participação neste estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-l@. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelas pesquisadoras Taís Borin Vieira e Marlene Neves Strey, fone (55) 997607486 / (51) 3320-3500 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone (51) 3320 3345.

Atenciosamente,

Taís Borin Vieira
Pesquisadora
Matrícula: 091909150
CRP: 07/17595

Marlene Neves Strey
Professora Orientadora
Matrícula: 001708
CRP: 07/985

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura d@ participante

Local e data